



# Diário de Botas

## Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta

### 1998 **Caminho de Santiago, do primeiro contato à decisão de fazer**

Passei brevemente na frente da televisão e minha atenção foi atraída pelo que me pareceu um roteiro turístico diferente e interessante. Eu estava me reiniciando nas caminhadas de modo que andar a pé dias e dias seguidos me soava como uma boa idéia. Fiquei parada, olhando um pouco, sem me dar ao trabalho de sentar. Era a primeira vez que eu estava ouvindo falar do Caminho de Santiago. Continuei com minhas tarefas, assim que veio o primeiro comercial. Mal sabia eu, que o Caminho havia plantado uma semente em meu cérebro.

Algum tempo depois, entrando ocasionalmente em uma livraria, estava lá, olhando pra mim, o livro do Máqui: “Guia do Peregrino no Caminho de Santiago”. Tive que comprá-lo, como uma compulsão. Da mesma forma, o devorei em poucas horas.

Estava decidido: eu faria o Caminho de Santiago.

Comecei a varrer a Internet em busca de sites. Encontrei dezenas. Inscrevi-me eu uma lista de trocas de mensagens, moderada pelo José Roberto.

Comecei a falar sobre isso com várias pessoas. O Renato me disse que há muito tempo queria fazer o Caminho, mas que não se animava a fazê-lo sozinho. Combinamos viajar juntos, em maio de 2000.

O Oswaldo jura de pés juntos que foi o primeiro a falar sobre o Caminho, mas eu realmente não me lembro. Deve ter sido antes de o Caminho ter feito sentido pra mim e de eu ter lido o livro do Máqui, quando me apaixonei.

Comprei mais dois exemplares do livro e dei de presente para o Oswaldo, a Greyce além de emprestar o meu para o Renato. Meses depois, dei mais um de presente para o Felipe e outro para a minha irmã. Por fim, comprei para a Patrícia também.

Fui a reuniões da Associação dos Amigos da Rota Jacobea, atual Associação Brasileira dos Amigos do Caminho de Santiago. Comecei realmente a viver o Caminho.

Fiz vários amigos, através da lista, inclusive minha querida Dani, de Belo Horizonte e o pessoal daqui do Rio, da Associação.

### 1999 **A preparação, sempre insuficiente**

Eu estava tão engajada, tão apaixonada, que, apesar de ainda não ter feito a viagem, acabei participando de uma palestra por ocasião das festividades do Ano Santo Jacobeu, realizada em julho: “Saúde no Caminho”.

# Diário de Botas

Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta



Andava na praia, quase todos os dias e a programação de final de semana incluía caminhadas, obrigatoriamente.

O Renato me emprestou “O Diário de um Mago”, do Paulo Coelho, “leitura obrigatória para quem pretende fazer o Caminho de Santiago”. Com grandes reservas, li o livro. É péssimo!!!! Certamente, agora eu sei, o Paulo Coelho fez um caminho diferente do que eu fiz. Visitou outros lugares.

Como a Patrícia, minha filha, iria fazer um intercâmbio cultural, troquei a data da viagem de maio para setembro. Ela acabou desistindo e ficou por aqui mesmo, mas minhas férias já estavam marcadas para setembro e outubro de 2000.

## De janeiro a agosto de 2000, arrumando as mochilas

Quando falei com o Oswaldo depois do Carnaval, que passamos todos juntos em Paraty, ele me disse que havia comprado a passagem. Senti-me traída. Liguei para o Renato, com urgência, e saímos disparados para comprar a nossa, no mesmo voo.

Em seguida, a Tereza se decidiu e comprou passagem também. Eu e o Renato conseguimos um período maior de férias e compramos nossa volta para o dia 10 de outubro, a Tereza voltaria 10 dias antes e o Oswaldo ficaria somente 27 dias. Todos embarcaríamos no dia 01 de setembro.



Fiquei emocionada ao receber a Credencial do Peregrino. Guardei-a junto com a passagem e o passaporte. De posse da passagem, entrei em contato com a Associação Brasileira dos Amigos do Caminho de Santiago, através de um e-mail para o José Roberto e a Clarice, a dedicada presidente da Associação, enviou-me a Credencial pelo correio, junto com uma cartinha lindinha, oração do peregrino e outras coisas do gênero.

Em março, comecei a estudar Direito. Trabalhando de manhã e estudando à tarde, meu treinamento ficou reduzido a 20 minutos diários de caminhada, entre o TRT e a Faculdade Cândido Mendes, pelo menos, com uma mochila de 4 kg, o que não era de todo mau. Entrei de férias em julho e tranquei a matrícula, mas não retomei os exercícios como deveria. Andava de vez em quando. Comecei a fazer aulas de dança duas vezes por semana à noite. Mantive as caminhadas nos finais de semana.

Com o lançamento do livro “Guia Estrada Real para Caminhantes”, do Raphael Olivé, ficamos animados a fazer umas caminhadas mais longas nos finais de semana. Entre junho e agosto, em finais de semanas alternados, fizemos as primeiras seis etapas da Estrada Real, o que me valeu a compra de um par de botas Salomon, de urgência, pois as Hi-Tech me causaram bolhas horríveis, logo na segunda



rodada. A experiência de longas caminhadas me salvou de bolhas no Caminho.

Eu pensava que sabia e que já tinha tudo o que eu precisaria levar. A Telma, que fez o Caminho em maio, trouxe novas e frescas informações. Acabei correndo às lojas e comprando várias coisas, junto com o Oswaldo, em cima da hora, como camisetas, lanterna etc. detalhes fundamentais.

### 01/09/2000 do Rio de Janeiro ao céu.

Quase não embarcamos. Na hora em que o Renato foi fazer o check-in, não havia mais lugares no vôo. O Oswaldo já queria bater no pessoal da Ibéria. A Tereza disse que se ele não fosse, ninguém iria. Finalmente recebemos a notícia de que havia um derradeiro lugar a bordo para o Renato. Foi o último passageiro a fazer o check-in.

Foram se despedir dos Velhos Caminhantes no Galeão: Patty, Ana Paula (filha da Tereza), Fátima e Felipe, que nos trouxe de presente pins com a bandeira do Brasil.

Um magnífico por-do-sol nos deslumbrou pela janela do avião no final da tarde. Como andávamos de oeste para leste, escureceu cedo e rapidamente, mas uma faixa cor de fogo teimava em permanecer na linha do horizonte.

### 02/09/2000 do céu a Saint Jean Pied de Port, França, faltam 774,1 km

Chegamos a Madri às 6 h da manhã (hora local), com 5 h de diferença de fuso horário, após uma noite praticamente sem dormir, nas deliciosas poltronas do avião. Nosso vôo para Pamplona só partiria às 13h, de modo que decidimos dar um giro pela cidade. Tomamos um ônibus que nos deixou na Plaza Colon, ainda com tudo escuro. Amanheceu às 7h 30 min, quando estávamos passeando por um parque arborizado, o Bom Retiro. Em seguida fomos andando em direção à Plaza Mayor e ao Palácio Real. Paramos para fazer uma boquinha em um restaurante simpático localizado em uma esquina, com mesinhas na calçada.

Mais adiante compramos uvas em um grande mercado, tipo Mercado Praça XV do Barra Shopping e “jamon” (presunto de parma) logo depois. Voltamos por outras ruas, comendo uvas com “jamon”, para pegar o ônibus de volta ao aeroporto, na Plaza Colon.

A arquitetura de Madrid é admirável. A maioria dos prédios tem poucos andares,  $\pm$  5 ou 6. são bem antigos e cuidados, com balcões e/ou varandinhas com jardineiras floridas.

Embora o Oswaldo tenha observado que faltava verde, a cidade tem inúmeras praças ajardinadas com canteiros cheios de rosas, begônias e outras flores que não identificamos. As árvores são bem diferentes das nossas, sem raízes aparentes fora do solo.

# Diário de Botas

Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta



**12h 10 min** Estávamos sonados, na sala de trânsito do aeroporto, aguardando o embarque para Pamplona. Saudades da minha Flor.

Passáramos por um Ciber Café, em Madri. Pensamos em enviar uma mensagem para a galera, mas não havia tempo hábil. Ficou para depois.

Uma Coca-diet na máquina custa 225 pesetas. Caro, né?

**21h** Banho tomado, roupas lavadas, sacos de dormir abertos sobre as beliches, credencial do peregrino carimbada, preparamo-nos para dormir em um alojamento particular em Saint Jean Pied de Port.



Nosso vôo de Madri a Pamplona foi sem intercorrências. Em Pamplona pegamos uma van que nos trouxe diretamente a Saint Jean e nos deixou nesse alojamento particular. As acomodações ficam no térreo e nos andares superiores há moradias. Chegamos a tempo de passear pela cidade e almoçar. Fomos até o alto da Cidadela, onde há um castelo do século XV<sub>+</sub>, que deu origem à cidade.

O refúgio que existe atualmente é bem simpático e acolhedor. Estivemos lá, carimbando as credenciais, e ficamos com pena de não o termos descoberto antes. Já estava lotado.

A informação que tínhamos era de que o refúgio de Saint Jean era precário e pequeno, de modo que era melhor procurar outro abrigo. Depois que a Madame Debril morreu, fecharam o albergue que ela administrava e inauguraram esse, muitíssimo melhor, com hospitaleiros super simpáticos.

**03/09/2000** (aniversário do Oswaldo) de Saint Jean Pied de Port a Roncesvalles, 24,9 km, 1º dia, faltam 749,2 km.

Saímos de Saint Jean às 9h da manhã, após termos perambulado pela cidade em busca de café da manhã e comida para a viagem. Comemos na cafeteria de um hotel e compramos pão, “jamon” e água em uma padaria e uma loja de frios.

Há duas alternativas possíveis para chegar a Roncesvalles. Pela direita, seguindo a “carretera” (estrada) e passando por Valcarlos, que vimos na véspera, pela janela do táxi, ou pela esquerda, conhecido como Caminho de Napoleão, por ter sido trilhado pelo próprio, que foi o que escolhemos, por ser bem mais rural.



A estrada é linda, cheia de rebanhos de ovelhas pelos morros verdinhos. Que paisagem!

Não tivemos qualquer problema com água. Primeiro reabastecemos nossos cantis em uma cisterna que vertia água pelo ladrão. Depois, na fonte que consta do guia, quase na divisa da França com a Espanha.

O pouco de chuva fina e o frio que pegamos não foram suficientes pra nos assustar. Em certos trechos havia neblina. A subida é banal, para quem está acostumado a fazer caminhadas, como era o nosso caso.

No alto dos Pirineus há uma cruz em que os peregrinos deixam suas oferendas – geralmente cruces de madeira. Amarramos uma fita do Senhor do Bonfim que eu trouxe várias para dar de lembrança do Brasil.

Há muitos brasileiros por aqui. Vira e mexe ouvimos um peregrino falando português ou vemos uma bandeirinha do Brasil pregada em alguma mochila. É agradável. Dá uma sensação de não estarmos sós nessa aventura. Encontramos pessoas do Rio Grande do Sul e outras de SP.

Há inúmeros franceses e diversas pessoas que falam idiomas não identificados. Chegaram vários gringos malcheirosos – um bando deles – ao refúgio. Nosso cheiro também não deve ser dos melhores, após 6 horas de caminhada.

Meu primeiro banho, em um albergue de peregrinos, foi uma experiência inesquecível. O banheiro era misto e os europeus trocam de roupa em público sem a menor cerimônia. Tranquei-me no box com roupa e tudo e só saí de lá novamente vestida. A torneira era dessas de tempo. Tempo curto. Você aperta. Não sabe se a água vem fria ou quente (era mais pra fria). Molha-se um pouco e a água pára. Passa sabonete na parte que conseguiu molhar. Aperta outra vez a torneira. Dessa vez pode ser que a água saia mais quente. Ou fria, gelada. Pára. Aperta. Pára. Por aí vai, até que você considera o banho por encerrado. Algumas vezes com tudo lavado. Ou apenas um banho francês.

Lavei a roupa. Eu e a Tereza estendemos varais de cordões de sapatos entre as beliches e penduramos a roupa para secar. Ritual completo.

Ontem tomamos vinho francês na hora do almoço e hoje, no lanche de há pouco, o vinho foi da Rioja.

São 7h da noite e está rolando uma missa dos peregrinos, famosa, aqui ao lado do refúgio de Roncesvalles. Foi todo mundo pra lá. Estou sozinha em um quarto enorme, com umas 20 beliches. Vou dar uma chegada na missa. Talvez.

A descida dos Pirineus é através de um bosque maravilhoso, terminando em Roncesvalles. Tem-se a impressão de que o Lobo Mau e a Chapeuzinho Vermelho vão surgir a qualquer instante. Lembramos das estórias da nossa infância.

# Diário de Botas

Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta



O ombro do Oswaldo doeu e o castigou o caminho todo. A luxação de duas semanas antes ainda não estava bem cicatrizada. Ele não quis ficar no refúgio conosco e foi para o Hostal, ao lado.

Roncesvalles resume-se ao complexo da Igreja, a Collegiata, o refúgio, o hostel, um hotel e 2 restaurantes, o do hostel e o do hotel, além de duas pequenas lojas de “recuerdos”. Chovia ora mais fino, ora mais grosso, um tempo desanimador.

O percurso é exaustivo. Cheguei mortaça, depois de + de 8 h de caminhada com aclives e declives intermináveis e acentuados. Meus pés doem e a mochila parecia pesar uns 30 kg.

Estamos comendo “jamon” até sair pelas orelhas.

04/09/2000 (aniversário do Renato) de Roncesvalles a Larasoaña, 27,4 km, 2º dia, faltam 721,8 km



Conseguimos sair 1 h mais cedo de Roncesvalles. Tomamos café da manhã com chocolate quente, suco de laranja e torradas, e levamos uns sanduíches de “jamon” para comer no caminho. Não consegui comprar a flecha amarela que a Telma encomendou, pois, quando fui ver, a loja estava fechada. A Tereza deu uma de presente para o Renato, de aniversário. Comprou quando eu estava no quarto, antes da missa. Eu assisti à parte final da missa cantada e a bênção aos peregrinos. Há um altar para Santiago do lado direito do altar principal na igreja de Roncesvalles.

Deixamos para resolver pelo caminho se iríamos dormir em Zubiri ou em Larasoaña.

Os “pueblos” menores parecem-se com a aldeia do Asterix: casas de pedra com as paredes abauladas pelo tempo, ruas estreitas e contorcidas como um labirinto, estábulos de ovelhas no térreo e moradias no andar superior. Flores nas sacadas. Cães e gatos,

muitos cães e gatos pelas ruas. Pouquíssimos habitantes.

Chegamos a Zubiri às 15h, hora da “siesta”. Tudo estava fechado. A única coisa interessante da cidade é a Ponde da Raiva, onde os antigos levavam os animais para dar três voltas em torno do pilar central, acreditando que, com isso, curavam a raiva. Será?

O resto da cidade é horrível, cheio de conjuntos habitacionais estilo BNH.

Como ainda estivéssemos em bom estado, decidimos ir para Larasoaña, teoricamente 5 km adiante. Foi penoso. O Renato e o Oswaldo saíram na frente com o intuito de guardar lugar no refúgio. A Tereza sumiu na minha frente tão logo iniciamos a jornada. Os 5

# Diário de Botas

Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta



km pareceram 10 e a minha mochila foi ficando mais pesada a cada passo.

Fiquei aliviada ao ver a galera no refúgio de Larasoña e meu colchonete garantido. Tomei um banho francês – frio – e saímos para comer: sanduíches de jamon, bolo de Santiago, suco e chocolate quente. Comprei vários pins, inclusive a flecha amarela da Telma. Ufa!

05/09/2000 de Larasoña a Pamplona, 15,2 km, 3º dia, faltam 706,6 km

Estamos sentados na porta do refúgio de Pamplona, esperando abrir. São 12h 30 min e só abrirá às 13 h. O Oswaldo, mais uma vez, decidiu procurar uma pensão em vez de se hospedar conosco. O refúgio é pequeno e é provável que não haja lugar para todos os peregrinos, de modo que, em vez de passear pela cidade, ficamos aqui esperando abrir.

Em Trinidad de Arre compramos melocotones (pêssegos) e "manzanas" (maçãs). Todas as frutas têm um aspecto diferente das nossas – cor, sabor. Os melocotones são deliciosos.

O Caminho é uma verdadeira Babel. Aprendi a dizer “bon jour” e “buenos dias”.

A etapa de hoje foi relativamente fácil, não fosse o piso duro, de asfalto, na maior parte do percurso.

Entrei em Pamplona com 2 pares de meias e uma calcinha penduradas com alfinetes de fralda na mochila, para secar.

Mais tarde... Eu e o Renato fizemos um passeio pela cidade, visitando, inclusive, a “ciudadela”, atualmente transformada em parque público. Enviamos uns presentes pelo correio para a Patrícia e a Júlia e lançamos bocadillos em um bar com mesas na calçada, em frente a uma praça.

06/09/2000 de Pamplona a Puente La Reina, 23,5 km, 4º dia, faltam 683,1 km

Andei o dia todo sozinha. Concluí que minha mochila pesava demais. Tentei enviar 1 par de sandálias, 1 canga e o cobertor de alumínio pelo correio, mas, como só abriria no dia seguinte, decidi deixar tudo no refúgio novo de Puente La Reina. As coisas na Espanha têm uns horários estranhos de funcionamento. Os bancos só abrem de manhã, das 8 h 30 min às 14 h, os correios, depende da cidade e assim por diante. E há placas, em algumas portas, informando que o estabelecimento está fechado naquela semana, ou naquele mês, para férias – “Cierrado para vacaciones”.

O Oswaldo disparou na frente, despedindo-se de nós na saída de Pamplona. Nem tomou café da manhã conosco. Disse que andaria até Estella. Voltamos, porém, a encontrá-lo em Puente La Reina, queixando-se de dor no ombro.

# Diário de Botas

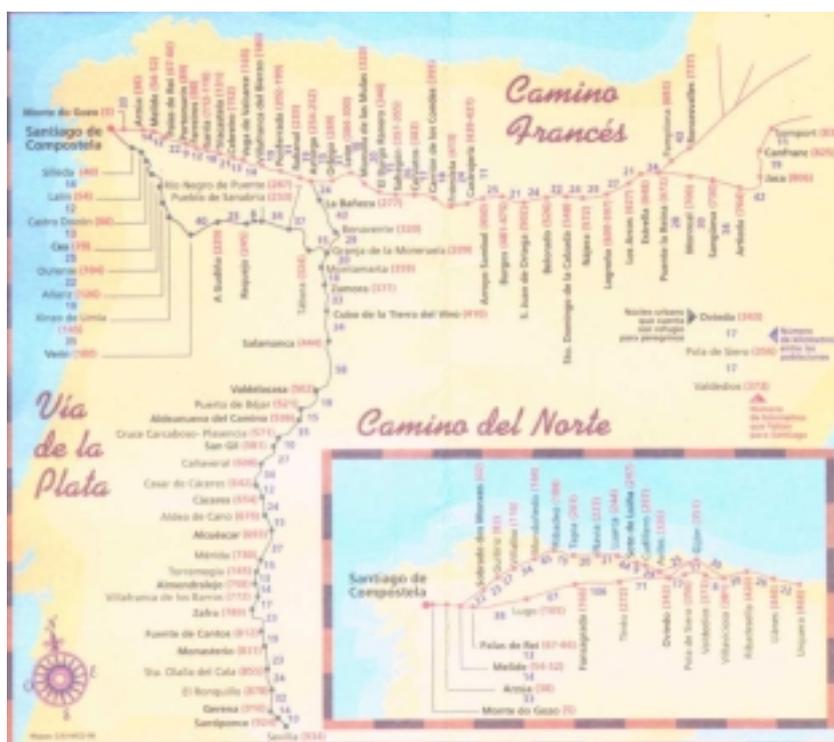
Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta



Eu, o Renato e a Tereza, tomamos café da manhã em uma “panaderia”. Comemos deliciosos croissants, suco de caixinha (“Bio Solan”) e “leche” com Cola Cao (chocolate quente).

Ainda posso sentir o gosto de uns croissants que comi em Burgos, na praça em frente à Catedral. Deliciosos, em todo o Caminho.



O Renato e a Tereza sumiram na minha frente logo após a saída de Pamplona, com a promessa de guardarem-me um lugar no refúgio. Promessa cumprida.

O refúgio novo de Puente La Reina é o melhor até agora. Recém-inaugurado, tudo funciona bem, limpo, água quente, boas acomodações, grande. Foi sorte não termos conseguido vaga no refúgio velho, que mais parecia uma espelunca. Embora eu nem tenha entrado nele, essa foi a impressão dos outros Velhos Caminhantes.

Há moscas em profusão pelos campos e na cidade.

Lavei a calça comprida e o short pela primeira vez. Ventava tanto que secou tudo. Difícil mesmo é secar as meias. Todos os dias saio com elas penduradas na mochila.

Andei sozinha o dia todo. Pouco depois que perdi o Renato e a Tereza de vista, parei em Cizur Menor para ver o refúgio do qual tinha ouvido falar bem. É uma boa droga. Em frente à igreja, tem-se que ir até lá, atravessando uns 50 m ao relento, para tomar banho. Há um refúgio particular adiante, mas não fui vê-lo.

## Diário de Botas

Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta



A imagem da interminável fila indiana de moinhos da Serra do Perdão ficou para sempre impregnada na minha retina. Horas antes de atingi-los, podem ser vistos: brancos, enormes, girando. Eu tinha a impressão de que logo os alcançaria, mas eles insistiam em permanecer ao longe, sempre na linha do horizonte. E cresciam a cada passo meu, até que me tornei uma formiga ao lado de um arranha-céu.

Ventava um vento ventante, eterno e frio no Alto do Perdão. Junto às esculturas de bronze lê-se algo como: “Onde o caminho dos homens encontra-se com o caminho das estrelas”. As figuras representam peregrinos de todos os tipos. Quisera estar lá por mais tempo, contemplando e descansando da subida sem fim. Uns calafrios me alertaram que meu corpo esfriava, e me obrigaram a partir célere.



A descida era o que eu esperava de todo o Caminho: íngreme e com pedras soltas. Foi preciso tomar bastante cuidado para não escorregar. “Pedras, pedras soltas o tempo todo”, eu ouvira falar. Só as encontrei, assim, perigosas, na descida do Perdão. No restante do Caminho as pedras fazem parte do solo, a ponto de serem pintadas com marcas amarelas, o que nos dá a tranquilidade de que estamos seguindo na direção certa.

Em Uterga há um refúgio cujos donos são ultra-simpáticos. Quando passei por lá havia um bando de peregrinos almoçando. Tiramos umas fotos e aproveitamos para ir ao banheiro. A banheira era estranhíssima. Levei um "bocadillo" (sanduíche) de "tortilla" (omelete) de "chorizo" (lingüiça) para comer no caminho.

Logo depois me distraí e perdi uma das indicações em uma bifurcação. Andei errado  $\pm$  1 km até encontrar uns peregrinos voltando após terem percebido o erro. Fizemos uma flecha de pedras na entrada do desvio, cuja sinalização era difícil de ver.

## Diário de Botas

Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta



Fora o Oswaldo, que está com dores no ombro esquerdo e em um dos joelhos, os demais estamos bem. Sem bolhas até o momento.

Não consegui trocar travelers cheques. Tirei dinheiro com cartão. Tem “cajero” (caixa) automático em qualquer lugar e funcionam 24 h.

07/09/2000 de Puente La Reina a Estella (ou Lizarra), 22,1 km, 5º dia, 661 km

Tudo por aqui tem dois nomes, um em espanhol e outro em basco. As placas de rua têm os nomes nas duas línguas e as pessoas falam as duas e também tudo misturado.

Fizemos um tour guiado pela cidade. A guia, chamada Maria, uma espanhola de cabelos pintados de vermelho, muito simpática, falava tudo bem explicado, de modo que consegui entender a maior parte. Visitamos duas igrejas do século XII, com inúmeras reformas e restaurações posteriores.

O quilo a menos na minha mochila foi uma ótima idéia. Cheguei em muito melhores condições e mais depressa. Até consegui acompanhar o Renato em um pedaço considerável. Depois desisti. O Oswaldo veio disparado na frente e chegou aqui todo estrumbicado e cheio de dores no ombro. Está hospedado em um Albergue da Juventude. Eu, o Renato e a Tereza estamos no “Hospital dos Peregrinos”, que é o nome do refúgio daqui.



Na Praça de Lorca há uma fonte, onde eu e vários outros peregrinos paramos para lanchar. Aliás, há fontes em quase todas as praças.

O Oswaldo voltou a falar em desistir, por mais que estejamos sugerindo que ele mande a mochila de van. Ele diz que não confia e que prefere desistir e voltar no próximo ano.

## Diário de Botas

Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

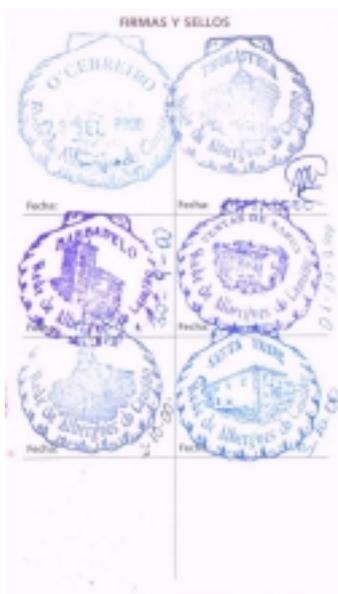
Cynthia Guimarães Tostes Malta



Há inúmeras pessoas da 3ª idade peregrinando, inclusive uma senhora australiana, chamada Val, com a qual fizemos amizade. Nossa Babel.

08/09/2000 de Estella a Los Arcos, 21,3 km, 6º dia, faltam 639,7 km

Los Arcos parece uma cidade abandonada, principalmente na hora da “siesta”. As casas antigas estão, em sua maioria, em mau estado. Vários medalhões, esculpidos nas fachadas das casas, encontram-se



tão deteriorados, que torna-se difícil distinguir suas formas. Uma pena. A igreja, muito bonita, é a única coisa que presta para se ver neste “pueblo”. É uma mistura de estilos gótico e romano, com pinturas e alto-relevos nas paredes e no teto. Renato foi à missa. Pode?

À tarde, depois de devidamente instalados no albergue, eu e o Renato passeamos pelo “pueblo”, fizemos umas comprinhas de supermercado e farmácia (descobri que o descongestionante nasal que no Brasil se chama Afrin ou Frenal, na Espanha é vendido com o nome de Utabon), e sentamos em um bar, com mesas na calçada para beber e jogar conversa fora. A Tereza nos encontrou trazendo a idéia de que gostaria de preparar um jantar no refúgio.

Na farmácia, cruzei com umas brasileiras. Uma delas dizia à outra que era bobagem comprar desodorante, que seria mais uma coisa para pesar na mochila. Concordei, em pensamento, pois, eu mesma, abolira o uso de tal produto. Nem um grama a mais na mochila, além do essencial!

Eu, Tereza e Renato saímos de Estella com a firme intenção de tomar vinho grátis na fonte de Irache. Eles se distanciaram de mim e quase tomei o caminho errado, o da direita, ao sair de Ayegui. Apenas um pequeno azulejo na parede de uma casa nos indica a opção correta.

Chegamos cedo demais e a fonte estava desligada. Só funciona no horário comercial. O difícil saber o que isso significa na Espanha. Já eram quase 9 h e achamos que não valia a pena esperar para tomar uma caneca de vinho de graça, quando o vinho em toda a Espanha é baratíssimo e já o vínhamos tomando desde o primeiro dia de viagem.

Demos uma olhada, de longe, no belo e imponente monastério de Irache e fomos embora, um tanto frustrados.

Renato e Tereza sumiram na frente, prometendo me esperar para comermos juntos, já que meu sanduba estava na mochila do Renato e eu carregava uns chocolates para a sobremesa. Acabamos desistimos desse esquema, pois os obrigava a me esperarem e eu só podia comer quando os encontrava. Passamos a dividir todo a merenda.

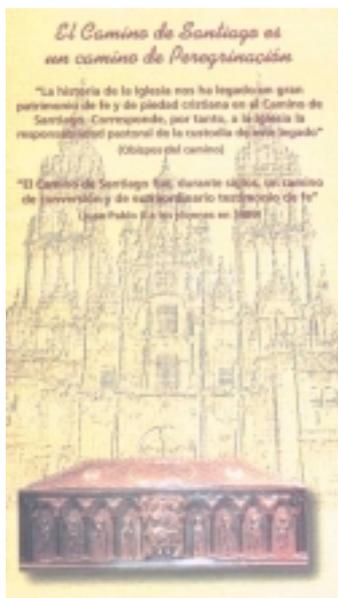
Encontrei-os camuflados, sob umas árvores, em um pequeno bosque, à direita e acima do nível da trilha; a última sombra viável, nesse



percurso entre Villamayor e Los Arcos, quase 13 km embaixo de um sol baiano, sem água e pouquíssimos locais ao abrigo do sol.

Estavam acabando de comer. Não os vi da estrada. Renato me chamou com nosso *grito de guerra*: “êêêê-ôôôô”. Subi o barranco, mais aliviada que faminta. Estiquei um saco plástico no chão e sentei-me para comer.

Eu e a Tereza aproveitamos a discrição do lugar para fazer um pipi preventivo, antes de partir. Em poucos instantes, eu me vi sozinha novamente, tornando a encontrar a Tereza mais adiante, derretendo de calor, quase sem água, escondendo-se em um fiapo de sombra, atrás de um monte de feno. Andamos juntas, uma meia hora, até alcançarmos outra montanha de feno, muito maior do que a anterior. Surpreendi-me ao constatar que do lado da sombra, havia uns 20 peregrinos, principalmente gringos, estirados no chão, sem forças, totalmente derrotados pelo sol escaldante. Tereza juntou-se a eles por breves momentos. Logo, me alcançou, seguindo comigo até o próximo abrigo de feno. Disse-me que pretendia dormir um pouco, na brisa fresca que soprava na sombra convidativa. Era um princípio de insolação. Estava realmente um “calor da porra”!



Pelas minhas contas, faltavam uns 5 km ou menos para chegar a Los Arcos. Isso significava uma hora de caminhada ou pouco mais. Eu estava bem, apesar do calor. Minha água, entretanto, não duraria eternamente. Despedi-me da Tereza com a promessa de que mandaria o Renato resgatá-la, caso ela não conseguisse chegar. Passei por um gringo vermelhão.

Uns 40 minutos depois, avistei a cidade. Bebi o que restava da água. A Tereza me alcançou na entrada da cidade, onde há uma fonte. Paramos para beber água e encher as garrafas.

Em menos de 10 minutos, alcançamos o refúgio, para sermos notificadas de que estava lotado. Pensamos em nos hospedar em um hostel. Ao pedir informações para o hospiteiro, este nos colocou na fila de espera para uma cama (peregrinos costumam passar algumas horas repousando em um albergue para depois se mudarem para outra cidade). Caso não vagasse nenhuma, havia a possibilidade de dormirmos no chão, sobre placas de isopor, no albergue, se houvesse poucas pessoas, ou na igreja, se fôssemos muitos. Dormimos em camas: Tereza na de baixo e eu na de cima. Santiago estava do nosso lado!

Oswaldo havia desaparecido sem deixar rastro. Não sabíamos dele. Perdemos-lo, na véspera, em Estella. Ficamos preocupados, mas não havia como obter notícias. Não sabíamos se ele havia desistido e retornado ao Brasil ou se sumira na frente, andando mais do que nós, como, tantas vezes, dissera que pretendia fazer.



Somente quando chegamos ao Rio, pude conversar com ele e saber que saiu de Estella de ambulância, tendo sido internado e imobilizado em um hospital de Pamplona, para, a seguir, ser transferido, de trem, para Santiago, de onde pegou um voo para Madrid, com conexão para o Brasil. Que Caminho!

Jantamos no refúgio. Tereza preparou uma deliciosa macarronada. Val, a senhora australiana, foi nossa convidada para o rango, o mais absoluto sucesso culinário. Raspamos a panela. Val fez questão de dar sua contribuição pecuniária, por mais que disséssemos que não aceitaríamos. Deixou sobre a mesa uma moeda de 500 pesetas.

09/09/2000 de Los Arcos a Logroño, 27,9 km, 7º dia, faltam 611,8 km

Continuamos sem notícias do Oswaldo.

Liguei para a Patrícia. Saudades recíprocas. Pedi a ela que entrasse em contato com a Andréa e tentasse descobrir o paradeiro do nosso amigo.

Entre Viana e Logroño há uma ermida. De lá pra cá vim conversando com um alemão – em inglês! Ele havia deixado a mochila em Los Arcos e pretendia retornar de ônibus para pegá-la. Deixou-me na esquina do refúgio. Nunca mais o vi.

Meus pés estavam bem. Sempre chegavam meio inchados e doloridos, mas no dia seguinte estavam novos outra vez.

Estava bastante bronzeada do lado esquerdo, apesar do uso intensivo de protetor solar. O sol bate sempre do mesmo lado, já que andamos de leste para oeste.

Apareceu-me um exantema nas pernas, que dizem ser causado pelo veneno das uvas. Há uma infinidade de videiras carregadas na beira do caminho. Impossível não comê-las.

O Renato me mostrou um pé de azeitona. Videiras e oliveiras – vinho e azeite – nada mais espanhol.

No dia seguinte teríamos uma etapa de quase 30 km, entre Logroño e Nájera. Estávamos pensando se deveríamos que fazê-la em 2 dias.

Em Viana encontrei, esperando-me em um bar, com mesas na calçada de uma praça, o Renato e a Tereza. Tirei as botas, colocando os pés em outra cadeira. Tomei um refrigerante, enquanto comia o “bocadillo” que trazia na mochila. Meus dois amigos, que já estava me aguardando há bastante tempo, seguiram viagem. A praça foi se enchendo de gente. Havia uma festa com figuras alegóricas de reis e rainhas de 3 m de altura e os habitantes vestidos de branco com lenços vermelhos na cintura, no pescoço e na cabeça. Festa de San Firmin. Soube depois que soltaram touros pelas ruas, mas não fiquei para assistir – caí fora antes que o tumulto piorasse.



O refúgio de Logroño é muito bom e o hospitaleiro é brasileiro. Vive no Caminho. Chama-se Acácio. Quando cheguei, reconheceu meu nome da lista do Zé Roberto e apertou afetuosamente a minha mão.

Ontem e hoje foram dias azuis. Céu de brigadeiro.

Há várias pessoas com os pés em situação precária: tendinites e bolhas. Soube que uma peregrina está hospitalizada.

Renato e Tereza têm raras bolhas nos pés.

Demos um giro pela cidade e jantamos em um bar com mesas na calçada, numa praça, em frente a uma igreja em cujas torres vimos ninhos de cegonhas. Fiquei emocionada.

### 10/09/2000 de Logroño a Nájera – 29,1 km, 8º dia, faltam 582,7 km

Cheguei a Nájera esbodegada. Minha perna esquerda começou a doer logo de manhã, antes da saída de Logroño. Tomei 2 Biofenac 50, mas fui me sentindo meio mal até Navarrete. Ao chegar lá, as pernas estavam bem. A Tereza já havia saído para Nájera e só o Renato estava me esperando no bar, ao lado do refúgio.

Fiquei na maior dúvida entre ficar ou seguir. Eu já tinha andado 12 km e até Nájera seriam mais 16. Acabei resolvendo ir. Foi mal. Tive 16 km para me arrepender e o resto do Caminho até Santiago para esquecer que estivera arrependida.

Continuava fazendo um sol de rachar, um “calor da porra”. Só o que salvava era o vento fresquinho que soprava o tempo todo. Eu estava com o lado esquerdo do corpo todo queimado e empolado. Levei um tombo na entrada de Navarrete e ralei o joelho e a mão direitos. Um inseto picou minha coxa esquerda e formou-se um calombão no local. Tive que parar para passar Quadriderm.

Fora o pior dia até então. Andei pelo caminho pensando que não preciso seguir o Renato e a Tereza, quando sentia somente dores no lugar das minhas pernas e que eu deveria ter ficado em Navarrete, mas foi bom ter chegado até aqui, ainda que quase me arrastando, semimorta de dores nos pés, e continuar com eles. Vim me lembrando do jantar de ontem em um bar de uma praça de Logroño, olhando as cegonhas em seus ninhos nas torres da igreja. Uma coisa linda, uma surpresa agradável.

É mentira essa história de que a gente emagrece. Desde que cheguei aqui, só faço comer. Estou engordando.

O hospitaleiro é um italiano simpático, chamado André. Dividiu seu vinho do jantar conosco. Não havia mais lugar no refúgio quando cheguei, mas ele me arranjou um colchonete que foi colocado embaixo da escada. Quando as pessoas subiam, caía poeira em cima do meu saco de dormir. Apesar disso, fiquei grata a ele que, depois de dizer a diversas outras pessoas que não havia mais vagas, acolheu-me gentilmente.



Usei cordões de sapatos para pendurar roupas para secar entre os degraus da escada e a beliche mais próxima.

O Renato e a Tereza saíram para jantar e trouxeram-me um “bocadillo de tortilla de queso” que, de tão cansada, nem comi. Foi nosso café da manhã do dia seguinte.

11/09/2000 de Nájera a Santo Domingo de La Calzada, 20,8 km, 9º dia, faltam 561,9 km

Cheguei exausta. Apesar de a jornada ter sido das mais fáceis e de a Tereza ter-me feito companhia em boa parte dela, ao final, eu só queria banho e cama. O albergue é dirigido por freiras. Cheguei a tempo de almoçar (há um refeitório no próprio refúgio, embora a comida seja cobrada). O Renato e a Tereza já estavam de banho tomado e haviam guardado uma cama para mim no quarto deles. A beliche é inclinada para o lado esquerdo. Passei o dia estirada no andar de cima com medo de cair. Tudo é religiosamente limpo.

Saímos de Nájera com um tempo querendo nublar. Paramos em Azorra para comer. Tomei suco de laranja feito na hora, uma raridade por aqui, e o inevitável Cola Cao (chocolate quente).

Ao nos aproximarmos de Cirueña, o céu foi empretecendo e ficando cheio de raios e trovões assustadores. Entramos no pueblo com os primeiros grossos pingos de chuva e vento forte. Escondemo-nos em um estábulo sujo e em mau estado, repleto de buracos no teto, eu, a Tereza, um espanhol de nome José Maria e uma italiana que tinha como hobby brincar com três bastões com penas nas pontas chamados “pallos”. O jogo consiste em segurar um bastão em cada mão e, com eles, tentar girar o terceiro sem deixá-lo cair.

Nos 40 minutos que permanecemos lá, enquanto o céu desabava, aproveitei para comer o meu “bocadillo de jamon”, comprado em Azorra e um resto de chocolate, que dividi com os demais. Tereza se animou e comeu seu bocadillo de queso. Em seguida, cantou músicas em espanhol e alguns boleros conhecidos.

Renato, que veio na frente, pegou chuva de granizo na entrada de Santo Domingo de La Calzada e até viu um raio caindo em um poste perto dele. Eu disse que Santiago é meu cupincha e nos abrigou em Cirueña.

Depois do almoço, durante o qual bebi muito mais vinho do que costume, tomei um ótimo banho quente, pois tive a sorte de encontrar o banheiro vazio, e depois lavei a roupa na pia do banheiro, com água quente e pendurei-a nos ferros da beliche para secar.

Já andamos mais de 200 km.

Meus pés doem bastante. Vou passar Feldene gel e voltar para a cama.

Há uma infinidade de brasileiros aqui.



É impressionante que tantas pessoas diferentes juntas, de diversas nacionalidades, consigam manter os banheiros em condições de uso.

Amanhã devemos nos mudar para um hotel, já que só se pode passar uma noite em cada albergue. Outra opção é passar o dia na cidade e ir no final da tarde para Grañon, que fica a apenas 6,5 km daqui.

De qualquer forma, pretendo ir à igreja daqui, onde são mantidos um galo e uma galinha vivos em uma gaiola com a frente de vidro, símbolos da lenda local.

Um casal estava fazendo a peregrinação com seu filho. Passando por Santo Domingo de La Calzada, uma moça se interessou pelo rapaz. Vendo que seu amor não era correspondido, colocou-lhe uma taça de prata na bagagem para, em seguida, denunciá-lo às autoridades. O jovem foi enforcado. Seus pais, muito devotos, continuaram a peregrinação até Santiago, onde rezaram muito pela alma do filho injustiçado. Na volta, passando por Santo Domingo, foram dar uma olhada no corpo e, qual não foi a surpresa ao constatarem que estava vivo. Correram à casa do prefeito, o qual encontraram almoçando. Sobre a mesa havia, entre diversas iguarias, frango assado. Ao ouvir o relato, caiu na risada e declarou: “Seu filho está tão vivo quanto esse galo e essa galinha que estão sobre a mesa”. Na mesma hora, o galo e a galinha se levantaram e começaram a cantar. O rapaz foi retirado da forca e até hoje se diz: “Santo Domingo de La Calzada, onde a galinha canta depois de assada”.

Dizem que é bom sinal quando se entra na igreja e o galo canta. O Renato afirma que o galo cantou a valer quando ele esteve na igreja. Fui lá no dia seguinte pela manhã, mas o galo me ignorou completamente. Felizmente eu não estava pendurada na forca...

12/09/2000 de Santo Domingo de La Calzada a Belorado, 22,4 km, 10<sup>o</sup> dia, faltam 539,5 km

Cheguei a Grañon me arrastando de tanta dor no pé direito. O Renato estava me esperando em uma sombra. Sentei em uma pedra e chorei. Eu não queria nem imaginar não poder continuar a andar, ter que pegar ônibus ou desistir da viagem. Eu vim pra cá fazer o Caminho a pé e é isso o que desejo fazer, até o fim. Andar os quase 800 km até Santiago de Compostela.

Troquei as palmilhas da bota – eu trouxera um par extra de palmilhas anti-impacto. Como por milagre, as dores melhoraram 90% e fiz o restante do percurso com bastante facilidade.

Acabamos decidindo que não valia a pena passar mais um dia em Santo Domingo, já que a única coisa interessante era a igreja com o galinheiro, a qual eu visitei antes de sair da cidade.

A Tereza decidiu se despedir de nós em Santo Domingo e seguir mais acelerada, pois seu tempo seria bem mais curto que o meu e o do



Renato. Entretanto, qual não foi nossa surpresa ao topar com ela em um supermercado de Belorado! Foi um encontro fugaz. Depois disso, só tivemos notícias dela por outros peregrinos que se iam atrasando.

Lavamos roupa em bacias de plástico, com água de mangueira, no pátio dos fundos do alojamento. Tudo precário e divertido.

Jantamos com a Ann (outra australiana amiga da primeira, que nos acompanhou por vários dias e deixou saudades quando interrompeu seu Caminho para continuar em outra ocasião e nos deixou em León), a Selma, uma brasileira e um casal de italianos. Voltamos ao refúgio trocando as pernas de tanto vinho. Nem sei como lembrei de recolher as roupas do varal.

O albergue tem um pavilhão principal (anexo a uma igreja, na torre da qual havia um ninho de cegonhas – há muitos por aqui) e um secundário, que não passa de um galpão atulhado de beliches, cheio de teias de aranha e sem banheiro, para onde fomos mandados. A Tereza estava no principal, pois havia chegado bem mais cedo, de modo que não a vimos mais.

Tenho dormido sempre na parte de cima das beliches, salvo em Larasoña e Nájera, em que dormi em colchonetes no chão.

14/09/2000 de Belorado a San Juan de Ortega e de San Juan de Ortega a Burgos, 24 e 27,6 km, 11<sup>o</sup> e 12<sup>o</sup> dias, faltam 487,9 km

Ontem chegamos a San Juan de Ortega. Havia um peregrino brasileiro, o Sílvio, que tocava violão. Conseguiu um emprestado e tivemos um seresta regada a vinho. Foi muito bom, uma das noites mais divertidas.

O Renato caminhou comigo quase todo o dia, mas ele fica irritado com o meu ritmo devagar-quase-parando. Concluimos que o melhor é cada um ir caminhando na sua própria velocidade, ele na frente e eu na minha.

Em San Juan de Ortega tem-se que lavar roupa na fonte de água, na praça em frente à Igreja. As bacias de Belorado ficaram parecendo umas Brastemps de última geração, perto da experiência inesquecível de lavar roupa em uma fonte medieval de pedra, cheia de algas, numa água que deixou minhas mãos enregeladas. Minha roupa está cada vez mais encardida. Pendurei-a para secar nas tábuas da cerca. Ainda havia sol e vento suficientes.

Como o enxoval é restrito, torna-se completamente impensável deixar de lavar roupa por um dia sequer. Carrego na mochila e no corpo: 3 blusas de manga curta e uma de manga comprida de malha sintética, 2 shorts (bastaria 1) e uma calça comprida de tactel, 5 pares de meias grossas, 3 pares de meias finas, um par de meias elásticas  $\frac{3}{4}$ , que usei durante o vôo, 1 casaco de tactel com capuz, um par de luvas de lã, 4 calcinhas, 3 tops, uma toalha de fralda, uma calça comprida e um



casaco impermeáveis (anoraque), 1 capa de mochila, um chapéu cheio de pins, capa da mochila, um par de botas e um par de chinelos de borracha, uma caneca de alumínio, uma colher, um travesseiro inflável

de viagem (que usei no avião), um saco de dormir que pesa 700 g, um sabonete que serve para tudo: corpo, cabelo (a cabeça raspada dispensa shampoo – foi uma inestimável providência), roupa, um frasco pequeno de creme hidratante, comida para o dia, uma garrafinha de água (comecei com uma de 500 ml e terminei com outra de 330, que é suficiente na maior parte das vezes), um saquinho de remédios, 1 lanterna, 1 saquinho plástico com vaselina, tesourinha de unhas, pinça, alicate de cutícula (disseram-me para não levar, mas é bastante útil), cordões de sapatos (para usar como varal) e as fitas do Senhor do Bonfim que vivo distribuindo, e o guia (cujo verso das páginas utilizo para escrever). Documentos, canivete, dinheiro, caneta etc., vão na inseparável pochete (levo-a até para o banho).

Assim como Roncesvalles, San Juan de Ortega limita-se ao complexo igreja-refúgio-bar, só que em muito menores proporções. Há uma lenda de

que uma bruxa foi queimada, pela Inquisição, no pátio interno do monastério, onde atualmente funciona o albergue. Seu fantasma vaga sem rumo, perturbando o sono dos peregrinos. Um espanhol boiola ficou gemendo de medo, à noite, e precisou ser acalmado por um padre, que também fazia a peregrinação. O cura disse-lhe que não precisava ter medo e que eles iriam rezar juntos para afastar os meus espíritos.

Preciso comprar um top novo e outro par de palmilhas para as minhas botas, mas como não ficamos nas cidades maiores tempo suficiente, acaba se tornando uma missão impossível. Isso sem falar que as lojas fecham no meio do dia (das 2 às 5 h da tarde) para a “siesta”. Também não consigo trocar travelers cheques.

**Consideraciones necesarias:**

- ◆ Esta credencial es sólo para los peregrinos a pie, bicicleta o a caballo, que desean hacer la peregrinación con sentido cristiano, aunque sólo sea en actitud de búsqueda. La credencial tiene el objetivo de identificar al peregrino; por eso la institución que le presenta deberá ser una parroquia, cofradía, etc. La credencial no genera derechos al peregrino. Tiene dos finalidades prácticas:
  - El acceso a los albergues que ofrece la hospitalidad cristiana del camino, y
  - Para solicitar la “Compostela” en la catedral de Santiago, que es la certificación de haber cumplido la peregrinación. La “Compostela” se concede sólo a quien hace la peregrinación con sentido cristiano: *devotionis affectu, voti vel pietatis causa*. Y además se concede sólo a quien hace la peregrinación hasta llegar a la tumba del Apóstol, al menos los 100 últimos kilómetros a pié y a caballo, o 200 en bicicleta.
- ◆ La credencial del peregrino, por tanto, sólo puede expedirla la iglesia a través de sus instituciones (Obispado, Parroquia, Cofradía, etc o, en todo caso, a través de instituciones que estén autorizadas por la iglesia. Sólo así podrá concederse la “Compostela” en la S.A.M.I. Catedral de Santiago (*Jornadas sobre el Año Santo: noviembre 1993*).
- ◆ Los refugios por carecer de subvenciones deberían mantenerse, dentro de su austeridad, con la colaboración de los peregrinos (limpieza, cuidado de las instalaciones, facilitar el descanso, ayuda económica...)
- ◆ Los grupos organizados con coche de apoyo o en bicicleta, se ruega que busquen cobijo alternativo distinto de los refugios de peregrinos.
- ◆ El portador de la presente credencial, acepta estas condiciones.

**BENDICIÓN:**

“En nombre de Nuestro Señor Jesucristo, recibe este morral habito de tu peregrinación para que castigado y enmendado te apresures en llegar a los pies de Santiago, a donde ansias llegar, y para que después de haber hecho el viaje vuelvas al lado nuestro con gozo, con la ayuda de Dios, que vive y reina por todos los siglos Amén.

Recibe este báculo que sea como sustento de la marcha y del trabajo, para el camino de tu peregrinación, para que puedas vencer las catervas del enemigo y llegar seguro a los pies de Santiago y después de hecho el viaje, volver junto a nos con alegría, con la anuencia del mismo Dios, que vive y reina por los siglos de los siglos Amén.”

(C. Calixtinus Sermón “Veneranda dies” II, c. XVII)

Donativo: 25 pías.  
CREDENCIAL AUTÉNTICA expedida por la Catedral de Santiago. Prohibida su reproducción. Impreso: Agencia Gráfica, Dep. Legal: C-18/1989.



Hoje saí sozinha de San Juan de Ortega antes das 7 h da manhã, ainda com tudo escuro e uma lua bem redonda no céu à minha frente. Entrei numa trilha, sem saber ao certo por onde pisava e ouvi passos atrás de mim. Fiquei com medo, sentindo as batidas do coração mais fortes. Claro que era um peregrino. Conversou comigo uns 3 minutos e seguiu sem caminho. Falamos rapidamente com várias pessoas que nunca tornamos a encontrar. A conversa, por aqui, é complicada. Tenho dificuldade para levar adiante um papo produtivo que não seja em português. Meu inglês tem melhorado, mas o espanhol mal dá para sobreviver.

Cheguei a Burgos por volta das 3 h da tarde, com o Sílvia, a Lillian e a Lígia, que encontrei na última parada. Estava tudo fechado. Próximo ao refúgio, deixei-os descansando e segui na frente, pois a Lillian tinha os pés doloridos demais para continuar andando.

Eu e o Renato pensamos em ficar amanhã em Burgos, mas acabamos decidindo seguir adiante. Na verdade, o que mais gostamos é de caminhar.

Meus pés melhoraram hoje. Cheguei em tão bom estado que voltamos para o centro da cidade (o albergue fica em um parque bastante arborizado, na saída de Burgos, meio afastado do centro – um local bonito e agradável), eu, o Renato, a Selma e a Cristina, depois do banho e da lavagem de roupa. Foi meio demais. Comecei a sentir câimbras nas pernas. Voltamos de táxi.

A Cristina levou toda a própria roupa e a de várias outras pessoas para lavar e secar em uma lavanderia, de modo que ficou por lá com a Selma, enquanto eu e o Renato voltamos para o Albergue. No dia seguinte saíram cedo para fazer uma etapa maior, na esperança de alcançarem uma amiga que se adiantara. Não as encontramos mais.

A Catedral de Burgos é linda. Ouvimos e vimos os sinos tocando enquanto comíamos uns “tapas” (tira-gostos) na praça em frente.

São 10 h da noite. Estou sentada para parte de cima de um beliche e ouço alguém tocando violão lá fora. Algumas pessoas conversam e riem, enquanto outras, irritadas e cansadas, tentam dormir.

O refúgio, de madeira, é novo e grande, completamente atravancado de beliches. É difícil se mover aqui dentro. Ouço conversas em todas as línguas. Por sorte, minha cama é bem ao lado da porta.

Os albergues anteriores fechavam às 10 h da noite, mas esse fecha às 11, para que as pessoas possam visitar a cidade, que vale a pena.

Por ser quinta-feira, fomos brindados com a famosa "Sopa Castellana", que é uma sopa de alho, com "chorizo" (lingüiça), ovo e miolo pedaços de pão. Um grupo de senhoras preparou dois caldeirões enormes e distribuiu aos peregrinos, em cambucas de cerâmica com a inscrição “Sopa Castellana” do lado de fora. Comemos nas mesas de madeira, na frente no refúgio. Foi grátis e podia repetir à vontade.



15/09/2000 de Burgos a Tardajos, 8,6 km, 13<sup>o</sup> dia, faltam 479,3 km

Passamos o dia em Burgos conhecendo a cidade. Pegamos um trenzinho turístico, em frente à Catedral, que faz um “tour” pela cidade e pára em um mirante aonde há uma escultura (um alto relevo) no parapeito, mostrando todos os pontos de interesse turísticos, a maioria visível do local.

A Catedral é impressionante. Há umas espécies de telefones, com uma gravação explicativa, que funcionam com uma moeda de 100 pesetas. Imagine que demoliram uma escadaria porque os mercadores passavam com sua mercadorias por dentro da Catedral! Posteriormente outra escadaria foi construída no local.

Comprei 2 tops em uma imensa loja de artigos esportivos. À noite, joguei na lixeira um dos que eu trouxe do Rio e já estava em estado deplorável.

O motorista do táxi nos levou a uma ortopédica aonde mandei fazer 2 pares de palmilhas (“plantillas”) sob medida para substituir as minhas. Afinal, ontem conversei seriamente com Santiago e lhe disse para dar um jeito nas dores insuportáveis do meu pé direito, que quero chegar andando a Santiago de Compostela.

**Ortopedia Burgos: Avda. Del Cid, 90, Teléfono: 23 94 94**

Estou um pouco alta do vinho que bebemos ainda há pouco no restaurante de Tardajos. Se é que se pode chamar aquilo de restaurante – um bar enfumaçado em que não há quase nada para se comer (conseguimos uma porção de queijo e batatas chips de pacote para acompanhar o vinho). Sentamos a uma mesa do lado de fora, onde estava um casal de peregrinos alemães, ciclistas, que nos convidaram, visto que não havia mesas disponíveis.

O Renato ligou para a Júlia para dar os parabéns pelo aniversário dela. Acabou falando também com a Fátima que tinha ido levar um presente. Ficamos sabendo que o Oswaldo voltou para o Brasil.

Liguei para o escritório do meu pai. Falei com ele e também com a Cristiane.

Liguei para a Patrícia, mas caiu na secretária eletrônica. Desliguei sem deixar recado.

Estou trancada no banheiro para escrever. Todos estão dormindo. O refúgio é bem pequeno, pois não é final de etapa e acho que todos os outros peregrinos que estão aqui são ciclistas. Viemos até aqui, que é bem perto de Burgos, só para cumprir o ritual de andar todos os dias e mudar de albergue.



16/09/2000 de Tardajos a Castrojeriz, 30 km, 14<sup>o</sup> dia, faltam 449,2 km

30 km em um dia. Foi dureza! As novas palmilhas são boas. Minhas dores no pé direito melhoraram consideravelmente.

Enquanto andava entre os campos de trigo ceifados, vi uma das coisas mais estranhas do Caminho. Estava sozinha, embaixo de um sol escaldante, um pouco antes de Arroio Sambol. Do lado direito da estrada, havia uma espécie de platô arredondado onde estavam arrumados vários trios de paus, sendo que em um deles havia um caldeirão pendurado. Fiquei curiosa para saber o que era aquilo, entretanto duas razões me impediram de ir ver de perto: 1<sup>o</sup>) eu teria que andar uns 50 m fora da trilha e 2<sup>o</sup>) fiquei com medo. Fiquei pensando se não estariam preparando o local para alguma bruxaria. Sei lá. Mais tarde perguntei para o Renato, mas ele não se lembrava de ter visto nada.

Em Hontanas entrei em um bar, pensando em matar 1 ou 2 horas descansando com as pernas esticadas, sem botas, preparando-me para os últimos 10 km. Era uma espelunca imunda, cheia de lixo pelo chão, principalmente amontoado no fundo e dentro da lareira. Nada que prestasse havia para se comer ou beber. O dono do bar era asqueroso e tentou me convencer a tomar um bocado de vinho de um recipiente estranho, de vidro, que mais parece um apetrecho de laboratório químico [ontem, em Tardajos, vimos uns caras usando-o durante um jogo de cartas]. A criatura entornou vinho pela cara toda, desde a testa, em uma cachoeira que passava pelo nariz e ele recolhia na boca desdentada.

Argumentei que, se eu tomasse vinho àquela hora, não teria condições de continuar caminhando. Pedi uma Kas, uma espécie de água tônica, horrível, por sinal, e uma porção de queijo, que veio acompanhado de uma fatia de um pão redondo. Sentei-me a uma mesa, junto a um casal de ciclistas e tirei as botas.

Aos poucos, nos 10 minutos seguintes, o bar foi se esvaziando e eu me vi sozinha com a criatura. Veio sentar-se perto de mim, puxando uma conversa. Pra encurtar – deu-me uma cantada. Que decadência! Mais tarde, fiquei sabendo que aquela coisa passa cantada em todas as mulheres que entram no bar. Eca!

Saí de lá o mais depressa que pude, jurando ao sujeito que eu era casada, que meu marido me esperava em Castrojeriz e que eu estava sem aliança porque as mãos incham quando ando.

Enchi a garrafa de água na fonte, onde aproveitei para escovar os dentes.

Fazia um calor baiano. Nesses dias, eu andava vestida de short e top, botas e meias. Tive que fazer inúmeras paradas no trajeto, quase sem sombra. Já perto da metade do caminho, quando se anda por uma “carretera” asfaltada, havia várias árvores com uma sombra irresistível. Desci até um campo de trigo já colhido, estiquei o casaco



e dei uma deitadinha, colocando as pernas em cima da mochila. Fresquinho.

É agradável ver a torre de uma igreja quando se está andando há horas no meio de um campo sem árvores, na companhia das mascas, embaixo de um solaço. Significa que se está chegando a uma cidade. Hontanas é assim: do meio do nada, de repente, surge a torre de uma igreja a seus pés e, minutos depois, o pueblo. Em outras ocasiões, pode-se ver a torre da igreja surgir ao longe, muitos quilômetros antes de se chegar ao local, às vezes mais de uma ansiosa hora se passa.

Na entrada de Castrojeriz, encontrei o neozelandês sentado aos pés de um cruzeiro, fumando. Ofereceu-me água, que recusei, pois ainda tinha. Teria aceito se tivesse me oferecido uns pés novos.

Estava exausta. O Renato me esperava na mesa de um bar, na rua, pouco antes do refúgio, com a notícia de que talvez o albergue já estivesse lotado. Argumentei que Santiago teria guardado um lugar para mim. Carregou minha mochila até lá e entrei mancando um pouco além do necessário. Consegui a penúltima cama.

Depois do banho e da inevitável lavagem das roupas, saímos e jantamos em um dos inúmeros restaurantes disponíveis. Tomamos vinho, claro.

18/09/2000 [de Castrojeriz a Frómista e de Frómista a Carrión de Los Condes, 25,9 e 19,2 km, 15º e 16º dias, faltam 405,1 km](#)

Saí de Castrojeriz, ainda no escuro, junto com o Renato, após um frugal café da manhã gratuito, fornecido pelo refúgio: 1 copinho de café com leite (sem outra opção), biscoitos e uma maçã ácida demais para que eu conseguisse comê-la. Como também não tomo café com leite, dei o meu para o Renato e me enchi de biscoitos.

Tão logo começamos a andar, o Renato sumiu na minha frente. Uma subida íngreme se apresentou. Avistei o Sílvio com a Lilian um pouco à frente e um sol nascendo lindíssimo, enorme e vermelho, atrás de nós. Andei um tempo com eles e depois segui na frente para reencontrá-los em Frómista.

Foi um percurso bem tranquilo, com exceção dos insetos. Moscas há em muitos trechos, mas esse, particularmente próximo a Boadilla del Camino, era infestado de uns mosquitinhos insuportáveis que iam nos seguindo e fazendo barulho no nosso ouvido. Na entrada do “pueblo” havia uma praça com mesas e bancos de pedra, tudo mal conservado e cheio de mato. Na falta de local melhor, parei para tirar um pouco as botas e esticar as pernas. Enquanto comia um tablete de Toblerone, fui atacada por um bando de vorazes mosquitos. Saí batida, antes que me devorassem inteira, coçando as picadas que não pude evitar. As flechas amarelas nos induzem a entrar no povoado, o que é desnecessário. Quase fui pega na armadilha. Olhei novamente o mapa e perguntei a uns simpáticos senhores por onde era o Caminho.



Indicaram-me o outro lado. Logo adiante vi as marcas originais. Esses mesmos velinhos, assim que saí da praça, ofereceram-me água. Há uma fonte que, garantiram-me, tem uma água muito boa. É preciso girar energicamente uma grande roda com manivela, como aquelas de dirigir barcos. Vendo a minha perplexidade frente ao engenho, um deles prontamente fez a manobra: deu uma meia dúzia de voltas e tornou a sentar-se num banquinho ao lado. Em instantes, jorrou o líquido cristalino, com o qual enchi minha garrafinha. Estava um dia bastante quente.

**Em qualquer lugar, pode-se perguntar a qualquer pessoa por onde é o Caminho e aonde fica o albergue. Todos, invariavelmente sabem e informam com a maior satisfação.**

O albergue de Boadilla, soube mais tarde, através de relatos de outros peregrinos, ao contrário do que consta no guia, é novo e bem confortável. Não o vi.

Pouco depois, alcancei a Iria e fui com ela até Frómista. Uma boa companhia, tenho saudades.

O refúgio é novíssimo, limpíssimo e bem administrado, com uma hospitaleira ultra-simpática. Só perde para o recém-inaugurado albergue de Puente La Reina que tem bons tanques de louça com água “caliente” para lavar roupas. Em Frómista, o tanque é no quintal, bem precário, e é preciso lavar as roupas nas bacias de plástico, sentada no degrau.

Um alemão, que fez o Caminho acompanhado de uma adorável cadelinha, propriedade da filha dele, conseguiu permissão para pernoitar no albergue e até deu banho na Sissi. Ele sempre conseguia andar mais depressa do que nós, apesar de estar com uma enorme mochila, barraca etc. Cruzamos com eles por todo o Caminho. Sissi andava solta, sem guia, sempre a um palmo das pernas do alemão. Uma gracinha.

Depois do banho e das atividades domésticas obrigatórias de peregrino – lavar roupas e descansar os pés – fomos, eu e o Renato, procurar um lugar para comer. Eram 17 h. Acabamos na cafeteria do hotel, ao lado do refúgio, esperando que o “comedor” abrisse às 20 h. Na Espanha, não servem refeições no bar. Bar é bar, só serve para beber e fazer lanches ligeiros, comer “tapas”, por exemplo. Refeição é no “comedor” que, geralmente, só abre às 20 h, senão mais tarde.

Tomamos 1 garrafa de vinho, comemos 4 pacotes de “patatas” Ruffles enquanto papeávamos em português, espanhol e inglês com vários outros peregrinos: brasileiros, 1 australiana, 1 neozelandês, 1 inglês e 1 austríaco.

Desabou a maior tempestade que se estava anunciando desde cedo. Ficamos preocupados se a roupa que estava no varal ficaria encharcada ou se alguém colocaria os varais (desses de armar) em um local abrigado, o que, felizmente ocorreu.



As maiores preocupações dos peregrinos são: cuidar dos pés, lavar e secar a pouquíssima roupa, onde e o que comer, quantos quilômetros tem a etapa seguinte, se haverá vaga no refúgio e se haverá água “caliente” para o banho.

Jantamos no hotel, assim que abriram o “comedor”, uma “Sopa Castellana”, truta e “hellado” (sorvete). Almoço e/ou jantar de todo dia era mais ou menos isso sempre. Comíamos o menu del dia ou prato do peregrino, que consiste em um primeiro prato, um segundo prato e “postre”. O primeiro prato pode ser: “lentejas” (tipo uma sopa de lentilhas), salada de alface, tomate e cebola, que pode vir com aspargos, atum etc., sopa, etc. o segundo prato, geralmente, é uma carne ou peixe: truta, merluza, terneira, chuleta, etc., quase sempre com batatas fritas. O “postre” pode ser: “hellado”, iogurte, fruta ou “tarta Santiago”, nossa preferida (uma espécie de bolo de amêndoas, delicioso).

A hospitaleira acordou-nos a todos às 6 h 30 min, com música e foi acendendo as luzes. Serviu-nos café com leite e 4 “galetitas” (bolachas) com margarina. Saímos às 7 h 15 min, ainda no escuro, para Carrión de Los Condes, eu, Renato, Iria e Simone, duas brasileiras de Santa Catarina, que nos acompanharam daí em diante, até o final da viagem.

Logo na primeira cidade depois de Frómista, Población de Campos, entrei em um bar para ir ao banheiro e os outros seguiram. Tomei um suco e comi uma “madalena” (um bolinho desses que a gente costuma encontrar nos botequins e que aqui ninguém come).

Na saída de Villarmentero de Campos voltei a encontrar a Iria e um neozelandês, um uma área de descanso (espécie de praça com mesas, bancos de pedra e churrasqueiras). Tirei a terra das botas. A Iria seguiu na frente e o neozelandês ficou por lá quando retomei a marcha.

Encontrei-a outra vez em Villalcazar de Sirga, lanchando no bar em frente à igreja. Fiquei por lá bem 1 hora. Visitei a igreja e enviei uns cartões postais. Já de saída, encontrei o Sílvio com a mulher, Lillian, e a Lígia com o austríaco. Raramente conseguimos aprender os nomes dos estrangeiros, que nos parecem impronunciáveis. Acabamos nos referindo a eles por suas nacionalidades.

Eu e o Renato demos um rápido giro por Carrión de Los Condes. A hora da “siesta” é fatal – quase tudo fechado. Compramos uns básicos na farmácia e estacionamos em um bar onde há uma máquina de vender latinhas de tira-gosto. Adorei os pepininhos, os quais achei em nenhum outro lugar.

Sentaram-se conosco o neozelandês, o Sílvio e a Lillian, que preferiram não se hospedar no refúgio. Deixei-os conversando com o Renato e fui descansar um pouco no albergue.



Mais tarde saímos novamente. Compramos algumas coisas no supermercado para comer à noite em vez de sair para jantar, no café da manhã e preparar “bocadillos” para levar no dia seguinte: mexilhões, “pimientos” e “calamares em su tinta” em lata, “jamon”, “queso”, vinho (mais barato que refrigerante), pão, iogurte, leite achocolatado e “sumo de melocoton”. Deixamos as compras no refúgio e fomos procurar uma farmácia (sempre estávamos precisando de lenços de papel, toalhas umidecidas, sabonetes, Compeed – para tratamento das bolhas etc.). A Simone nos acompanhou.

Depois da farmácia, entramos na Igreja de Santiago, atualmente transformada em museu, após o incêndio que destruiu seu telhado. Comprei um pin para o chapéu. Subimos no campanário, de onde se tem uma ótima vista de parte da cidade.

À noite fizemos um banquete, com a Iria e a Simone. Pela manhã, levamos sanduíches de frutos do mar com “pimientos” (pimentões picantes, típicos da região) para comer pelo caminho (parece estranho, mas fica uma delícia).

20/09/2000 [de Carrión de Los Condes a Terradillo de Los Templários e de Terradillo de Los Templários a Bercianos, 26,2 e 23,4 km, 17º e 18º dias, faltam 355,5 km](#)

Bercianos é um “pueblo” no meio do nada, um albergue que nem consta do guia e um hospitaleiro brasileiro chamado João. Há jantar e “desayuno” (café da manhã) para os peregrinos. O refúgio é precário, está em obras, recém-instalado, colchonetes no chão e não há cortinas nos boxes dos 2 banheiros. Depois do banho (quente!), é preciso secar o banheiro com um esfregão que, aliás, há nos banheiros de quase todos os lugares, desses que se encaixam em uma espécie de grade para torcê-los, sobre um balde retangular.

Foi uma das estadas mais agradáveis, devido à afetuosa acolhida do João, o jantar com todo mundo junto (sopa de “lentejas” preparada pelo hospitaleiro e macarronada por um peregrino italiano), um ritual de escrever uma mensagem em uma pedrinha que será usada na construção de outra parte do prédio e o café da manhã, bastante farto, que nos aguardava na mesa, no dia seguinte.

Na madrugada de ontem caiu uma tempestade. Pensei em pegar uma condução para fazer a etapa entre Carrión de Los Condes e Terradillo de Los Templários (o que teria sido uma sábia decisão). A chuva parou. Vesti o anoraque completo e saí andando. Capa na mochila. Pegamos poucas gotas de chuva bem no começo da manhã. Depois, 17 km sem lugar de descanso. Um vento glacial pela proa. Frio, frio, frio.

Cheguei enregelada e exausta a Calzadilla de La Cueva. O albergue era bem na entrada do pueblo e fazia uma barreira contra o vento. Havia uns peregrinos sentados ao sol. Desabei em uma cadeira,



colocando os pés em outra. Chegaram mais peregrinos. Passeis para o chão, cedendo as cadeiras. Ninguém sentou. Minhas mãos estavam tão entorpecidas e edemaciadas de frio que eu não conseguia desabotoar o casaco. Levei uns 10 minutos até conseguir que meus dedos voltassem a me obedecer.

Livrei-me do casaco e comi o restante do sanduíche que sobrou do café da manhã – “jamon serrano (presunto de parma) com queso”. Os queijos são duros, vários de leite de ovelha. O gosto é muito bom, diferente dos nossos.

Bebi um pouco d’água. Ouvi outros peregrinos conversando sobre um bar perto dali. Decidi ir até lá. Disseram-me que havia “bar” escrito no chão. Saí andando pela rua principal até o final do “pueblo”, sem encontrá-lo. Achei que não valia a pena voltar, que eu já estava mais ou menos descansada e que poderia andar os 6 km até Ledigos, onde, segundo o guia, haveria outro bar.

Há, de fato. Informe-me no refúgio, onde já estavam instalados alguns peregrinos conhecidos. Encontrei um bar com 3 homens bebendo e mais ninguém. Mandaram-me ao fundo, onde fui atendida pela proprietária. Eu precisava tirar as botas e descansar 01 hora, antes de seguir para Terradillos. Pedi um suco de “melocoton” (pêssego). Sentei, esticando as pernas em outra cadeira. Tomei vagorosamente o suco, pensando se os caras não se tornariam inconvenientes. Saí uns 10 minutos depois, para andar os últimos 3 km até minha meta. Foi penoso. Vento contra + frio + sem descanso o dia inteiro.

Terradillo de Los Templários é mais um desses “pueblos”-fantasmas do Caminho. Não havia indicação de onde poderia ser o albergue e nem a quem perguntar. Andei um pouco até que passou um carro e estacionou virando a esquina de onde eu estava. Perguntei a um dos rapazes que saltava do carro (todas as pessoas sabem onde ficam os albergues). A resposta foi alentadora: “Aqui mesmo”. Dobrei a esquina e entrei. Fiquei aliviada ao ver o Renato no jardim.

Trata-se de um refúgio particular, limpo e bem organizado. Pela primeira vez, dormi em cama com lençóis limpos e cobertores. Nem tirei o saco de dormir da mochila. Pela primeira vez, também, não lavei roupa. O tanque era do lado de fora, eu estava cansada demais, com frio demais e logo começou a chover.

Caí na cama, após o banho, e dormi até que o Renato me chamou para jantar. Comemos uma “sopa Castellana”, seguida de merluza e salada. Tudo estava bom, exceto a sobremesa que era uma cesta com frutas verdes.

Dormi pesadamente até as 7 h 30 min da manhã seguinte, quando a Iria entrou no quarto para nos acordar.

Mais vento e frio. O Renato caminhou comigo até quase a entrada de Sahagun, onde voltei a encontrá-lo me esperando na porta de um bar.



Chegaram outros peregrinos, inclusive o espanhol José Maria, que nos informou haver um refúgio em Bercianos, no qual decidimos pernoitar.

Passamos parte do dia passeando pela cidade, após termos deixado as mochilas depositadas no albergue.

Comemos o pior almoço da viagem: uma "paella" que só tinha arroz e outras coisas semelhantes. Pelo menos, o preço também foi o menor: 700 pesetas.

Voltamos ao albergue para buscar as mochilas, e confirmar a existência do refúgio de Bercianos. O Renato seguiu na frente. Fui escovar os dentes e usar o banheiro. Na saída, encontrei o Sílvio, a Lílian (mulher do Sílvio) e o neozelandês, que chegavam. O casal despediu-se de mim, pois iriam pegar um ônibus para pular umas etapas, já que estavam bastante atrasados. O neozelandês, voltamos a encontrá-lo em Santiago, quando falou conosco afetuosamente.

Cheguei a Bercianos após uma infinita seqüência de tirar e recolocar o casaco. Não estava tão frio como na véspera.

Coisas boas e misteriosas acontecem o tempo todo nesse Caminho. Estava cansada e entediada de caminhar pelo “andadero” (pista construída para peregrinos, geralmente ao lado da “carretera”), com sua monotonia de árvores iguais e com crescimento insuficiente para dar sombra. Nesse dia, ocorreu algo inesperado: um passarinho me olhava e voava para a árvore seguinte. Quando eu me aproximava, ele repetia o processo e cantava. Distraí-me uns bons 10 minutos, quase até a entrada do “pueblo”.

#### 21/09/2000 de Bercianos a Mansilla De Las Mulas, 26,5 km, 19º dia, faltam 329 km

Etapa sem intercorrências. Não há grandes subidas, nem descidas e a paisagem dos campos, ao longo de intermináveis “andaderos”, com suas árvores pequenas e simétricas, beira a monotonia.

Eu e o Renato demos um passeio pela cidade. Mansilla de Las Mulas é simpática e apresenta vários trechos, mal preservados, da muralha original. Subimos em um mirante (uma espécie de torre de vigia, na muralha) e eu quase morri de medo na hora de descer, pois a escada de pedra não tinha corrimão nela toda, alguns degraus eram altos demais e em outros faltava um pedaço. Compensou pela vista panorâmica. Com exceção das cidades grandes, como Burgos e León, em quase todo o caminho só encontramos prédios baixos, de menos de quatro andares. É fácil encontrar um lugar um pouco mais elevado e avistar toda a cidade e o entorno.

O albergue é o pior que encontrei. Muito confuso e cheio de gente. Houve inúmeros atritos entre o hospiteiro e alguns peregrinos que



queria guardar camas para outros que ainda não haviam chegado e o albergue já estava lotado.

Um italiano que falava português, o qual eu encontrara na véspera, retorcia-se com dores nas pernas, na cama ao lado da minha. Dei-lhe alguns comprimidos de Tandrilax, precisando enfatizar que era médica, pois outro peregrino insistia em dizer que o remédio não era adequado. À minha declaração, retrocedeu.

Dias depois, voltei a encontrá-lo e afirmou estar melhor. Sumiu na frente.

Jantamos em um hostel e preparamos uns sandubias para levar no dia seguinte.

Durante a noite, acordei com um nheco-nheco em alguma cama (as camas costumavam ser de molas e faziam bastante barulho). Todos acordaram, pouco a pouco, no quarto em que eu estava, mas ninguém teve coragem de acender a luz, nem mesmo de ligar uma lanterna. O nheco-nheco ritmado demorou para acabar. Fiquei pensando: “Tomara que goze logo”. Dormir com roncos era inevitável, mas esse som... Bem, pelo menos não houve gemidos.

Após o café da manhã oferecido pelo albergue, mediante uma contribuição voluntária dos peregrinos, despedi-me do hospitaleiro que resolveu fazer ajustes nas alças da minha mochila. Tarefa ingrata a de tentar igualar um lado ao outro, medindo as pontas. Quanto mais ele arrumava, mais torta ficava, até que consegui convencê-lo que para a mochila ficar certa, tinha que ficar com uma alça maior, pois a minha coluna é, digamos, desalinhada. Deixou-me seguir meu caminho, um pouco frustrado.

22/09/2000 [de Mansilla de Las Mulas a León, 18,4 km, 20º dia, faltam 310,6 km](#)

Um dos motivos de termos escolhido pernoitar em Mansilla de Las Mulas foi o desejo de fazer uma etapa curta no dia seguinte e chegar cedo em León, a maior cidade do Caminho, depois de Santiago, por isso queríamos mais tempo para visitá-la, sem precisar ficar mais de uma noite lá.

Fiquei sozinha no albergue das irmãs. O Renato havia combinado de vir para cá. Quando cheguei, havia um bilhete dele, me avisando que murada de idéia e que ficaria no albergue municipal. Fiquei por aqui mesmo, cansada e com os pés doendo dos 18 km entre Mansilla de Las Mulas e León.

O albergue é bom. Beliches, como sempre, bem organizadas, com banheiro, com água razoavelmente quente e tanque, com água morna, para lavar roupa. Fecha entre 2 e 4 h da tarde, para “la siesta”. Quem está dentro não sai e quem está fora não entra. À noite, fecha às 9 h 30 min, bem mais cedo que o habitual – a maioria fecha às 10 ou 11 h.



Resolvi passar a “siesta” dentro, dando fim à comilança preparada ontem à noite: sanduíches de mexilhões, lulas e “pimientos”, madalenas, pão e queijinhos. Não consegui exterminar os iogurtes. Um italiano ofereceu vinho a mim e a outras pessoas que comiam no refeitório. Aceitei. Acabei tomando quase um copo, o que ajudou a bater um sono poderoso. Cortei as unhas, escrevi um pouco e caí na cama.

Caminhei boa parte do percurso com a Ann. Vimos um bando de carneirinhos atravessando a pista. São lindos.

Ontem e hoje foram bonitos dias. Faz frio de manhã cedo, porém sem vento e o céu, hoje, voltou a ser azul.

Encontramos a dinamarquesa na entrada de León. Perdida. Agregou-se a nós. Perto delas, eu era uma exímia faladora de espanhol.

Ann queria ir para o albergue municipal, mas como não conseguiu pedir informações, preferiu ir comigo para o das freiras. A dinamarquesa seguiu-nos.

Acordei com o Renato ao lado da minha cama, perguntando se eu queria passear. Ele entrou assim que o refúgio abriu. Pulei da cama e fui conhecer León. Do lado de fora, me aguardavam, além do Renato, a Iria e a Simone. Passeamos um bocado. Visitamos a Catedral e outros pontos turísticos, como o castelo projetado por Gaudí (só se pode ver pelo lado de fora – é lindo). Em frente ao castelo há uma escultura de Gaudí, em tamanho natural, sentado em um banco de praça, projetando o palácio.

Comprei uns pins para o chapéu. Sentamos em um bar, com mesas na calçada, e lanchamos.

Eu, Renato e Ann jantamos juntos para nos despedirmos.

Pela manhã, um bom “desayuno” (café da manhã) oferecido pelo refúgio: café, leite, Cola Cao (chocolate em pó), pão, margarina e geléia e duas barrinhas de biscoito recoberto de chocolate (Como um Bis gigante). Ann despediu-se de mim, pois encerrava seu Caminho, pelo menos por ora. Também não tive mais notícias da dinamarquesa que entrou conosco em León.

Uma agradável surpresa na saída de León: o magnífico hotel San Marcos. Deslumbrante.

23/09/2000 [de León a Villar de Mazarife, 21,4 km, 21º dia, faltam 289,2 km](#)

Concluí que os melhores refúgios são os menores. Este pueblo é minúsculo, quase inexistente. Fomos para lá, o Renato e seu harém de brasileiras: eu, a Iria, a Simone, a Eucy e a Lecy. Pelo caminho, o Thiago se juntou ao grupo. Ainda encontramos mais dois brasileiros perdidos no refúgio. Resolvemos fazer um rangão. Já estávamos na cozinha, o Renato como cozinheiro, preparando o molho do macarrão, quando apareceu um jovem francês, Matheus, que aderiu ao grupo.



Eucy e Lecy são duas gaúchas, amigas há 30 anos, que começaram o Caminho no mesmo dia que nós. Em Pamplona, roubaram todas as coisas da Eucy e eu acho admirável que ela tenha tido a tranquilidade de continuar o caminho sem saber como vai retornar ao Brasil – sem passaporte, passagem etc. Levaram tudo.

Thiago é um pernambucano de vinte e poucos anos, que só pretende retornar ao Brasil em novembro, embora seu dinheiro esteja próximo a zero. Está andando bem devagar, na esperança de encontrar seu ídolo, o Guy Veloso, que ele ouviu falar que está no Caminho. Anda, a cada dia, o mínimo suficiente para trocar de refúgio. Deu-nos notícias da Selma e da Cristina, que estão um dia à nossa frente.

Matheus é estudante de medicina.

#### Com pan e vino se hace el Camino.

Comemos macarrão com frutos do mar e salada, regados a muito vinho. Temos tomado mais vinho do que em toda a minha vida. O vinho combina com o Caminho, é muito barato (uns 3 reais a garrafa de um bom vinho) e ninguém fica de ressaca.

Comemos pão, muito pão.

Os queijos são igualmente ótimos, embora duros. Nada parecidos com nosso tradicional queijo prato. Há vários tipos de queijo de ovelha e de vaca. Não se come queijo parmesão ralado com macarrão.

O tempo tem estado excelente. Bem frio, nas primeiras horas da manhã, esquentando quando o sol aparece, porém sem calor demais.

O albergue é pequeno e precário. Está parcialmente em obras. Não há beliches e sim velhas camas de armar e colchonetes no chão. O hospitaleiro mal apareceu. Depois soubemos que foi levar um pessoal para Hospital de Órbigo.

Eu mesma me registrei e carimbei minha credencial e a da Iria, com o carimbo que encontramos sobre a geladeira. Tomamos literalmente posse do albergue.

No guia constava que não haveria água quente. Pois há. Com aquecedor a gás, de modo que o banho é garantidamente quente do início ao fim, sem as desagradáveis surpresas das torneiras automáticas e dos boilers.

Lavamos roupa nas bacias e no tanque disponíveis no pátio interno. A roupa secou rapidamente ao sol. Até lavei a calça comprida!

Foi um grande jantar, com direito a fotografias históricas. Divertimo-nos demais.

Pela manhã, eu havia saído sozinha do refúgio das irmãs em León, após um caloroso abraço de despedida da Ann. Fiquei contente ao encontrar, parados em frente ao Hotel San Marcos, o Renato com seu harém. Caminhamos todos juntos um bom trecho e chegamos em Villar de Mazarife com menos de uma hora de diferença entre os



primeiros e o últimos. O Renato e a Iria me esperavam junto a porta de entrada para ver se eu aprovaria o local ou se mudaríamos de pueblo. Como achei tudo ótimo, nos “quedamos” ali mesmo. Acertadamente.

Para o dia seguinte estava programada uma jornada de mais de 30 km até Astorga. Não consegui convencer o Renato a ficar 3 km antes de Astorga, em San Justo De La Vega, em um hotel, pois, segundo o guia, não há refúgio lá. Não sei se chegarei a Astorga. Se eu estiver cansada demais, pararei antes, mesmo sozinha. 30 km é muito para andar à pé em um só dia. Pelo menos, assim me parecia.

24/09/2000 de Villar de Mazarife a Astorga, 30,5 km, 22º dia, faltam 258,7 km

Acabei indo parar em Astorga, apesar dos 30,5 km. O percurso foi quase todo por trilha e a Iria me acompanhou pacientemente o dia todo.

Ao passarmos por Hospital de Órbigo, paramos em um bar para descansar e fazer um lanche. Encontramos dois casais de brasileiros que temos encontrado, com frequência, desde o início da viagem.

Saímos calmamente do bar, com a expectativa de ver a ponte de Órbigo, conhecida por “El Passo Honroso”. É uma ponte românica compridíssima e sinuosa que tornou-se famosa porque:

Em 1434, um grupo de 10 cavaleiros medievais, liderados por Don Sueiro Quinones (que estava com dor de cotovelo ao ver seu amor recusado por sua amada), mandou espalhar a notícia de que, durante um mês, nenhum outro cavaleiro atravessaria a ponte sem lutar eles. Postaram-se sobre a ponte e, de fato, derrotaram todos os cavaleiros que, atraídos pelo desafio de que Don Sueiro estaria disposto a quebrar 300 lanças, chegavam de todas as partes da Europa.

Sobre a ponte há um marco com os nomes dos 10 cavaleiros. Paramos para ler e olhar a tão esperada obra arquitetônica. Nesse momento, começou a atravessá-la um rebanho de ovelhas, trazidas pelo pastor, ajudado por inúmeros cães de todas as raças e tamanhos, alguns na frente, outros atrás e uns dois ou três percorrendo o rebanhos pelas laterais para manter os animais unidos. Tirei uma foto da Iria no meio das ovelhas.

Um pouco antes de Astorga, paramos em um local com mesas e bancos de cimento, próxima a um cruzeiro, fizemos um lanche, tiramos as botas e descansamos um pouco. Há inúmeros cruzeiros em qualquer lugar. Nas cidades, nas trilhas, nos jardins das casas. A maioria tem um Cristo na frente e uma Nossa Senhora atrás, em suas diversas versões. Tem-se a impressão de que todos os espanhóis são católicos. Por todo o Caminho não vi uma só igreja evangélica, centro espírita, nada disso. Só igrejas católicas em profusão.



A cidade anterior era tão próxima que concluímos não valer a pena ficar lá, avistando as torres das igrejas de Astorga.

O refúgio mudou de lugar. Todas as indicações levam ao albergue antigo que, simplesmente, fechou. Na porta há um pequeno aviso com o novo endereço. Procuramos, em vão, as flechas amarelas. Após muito perguntar, descobrimos onde era o tal “paseo de la muralla”. Andamos mais uma hora, exaustas e com os pés doloridos, até alcançá-lo.

Fomos recepcionadas pelo auxiliar do hospitaleiro, ocupado atendendo outras pessoas, que nos aconselhou longamente a não lavar as meias, apenas colocá-las para secar, que era o melhor remédio para evitar e curar as “ampollas” (bolhas). Felizmente não tive uma só bolha e a Iria não seguiu a orientação. Finalmente o titular nos atendeu e pudemos subir para escolher as camas. Encontrei a cama do Renato. Eu e a Iria ficamos em beliches superiores, lado a lado, com uma pilastra no meio. Eu consegui, todas as vezes, ficar em camas que não fossem geminadas, a não ser em Carrión de Los Condes que resolvi o problema desencostando as camas, pois não queria dormir colada a um sujeito desconhecido. Em Larasoaña, os colchonetes eram colocados no chão, um grudado no outro, mas não me incomodei, pois dormimos só nós (eu, o Oswaldo, a Tereza e o Renato) no quarto.

O novo albergue está sendo instalado no prédio de uma antiga escola desativada. Só há água quente em parte do dia e as duchas ficam dois andares abaixo do dormitório. Tomei um precário e gelado banho francês, lavei a roupa e desabei na cama.

O Renato e a Iria foram à Catedral e depois foram me chamar para jantar. Fiquei na cama, exausta e deprimida (a TPM contribuiu) por não conseguir acompanhar o ritmo dos outros. Chorei um pouco, antes de me animar a ir recolher a roupa do varal – toda molhada ainda – e estudar as próximas etapas.

Senti com uma pontinha de fome, entretanto a perspectiva de levantar era mais desanimadora que a de dormir sem comer.

Saudades da Patrícia, da Vera e dos gatos. Queria ligar para casa, mas o horário não combinou com os telefones que encontrei.

Embora o outono mal tivesse começado, a temperatura estava amena e só era possível dispensar o casaco nas horas em que andávamos ao sol. Sempre havia um ventinho frio. Não era mais possível tirar a blusa e ficar só de top.

À noite senti dores terríveis nas pernas. Precisei tomar dois Tandrilax para poder dormir.

25/09/2000 de Astorga a Rabanal Del Camino, 20,6 km, 23<sup>o</sup> dia, faltam 238,1 km

Foi um lindo e calorento dia. Um calor baiano de novo.



Ficamos em Astorga na parte da manhã, eu, o Renato, a Iria e a Simone, com o ciclista, para visitar a Catedral e o Palácio Episcopal ou Palácio de Gaudí. Estava tudo fechado por ser “lunes” (segunda-feira). Vimos por fora.

Astorga e León são as duas cidades do Caminho que têm palácios projetados por Gaudí - achei o de Astorga mais bonito que o de León, embora menos imponente.

A Catedral segue o mesmo estilo gótico da de Burgos e de León, entretanto o desenho é bem diferente do das outras duas, que se parecem entre si.

Demos uma volta pela cidade, compramos umas coisas para fazer sanduíches para levar e vimos o famoso sino tocando: quando bate a hora inteira e a meia hora, um casal de bonecos, segurando um martelo cada um, dá marteladas alternadas no sino. Esse casal é o símbolo da cidade.

Aproveitei o horário matinal para trocar travelers cheques. Meus companheiros me esperaram na porta de um banco. Saí meia hora depois com a notícia de que não tinham conseguido descobrir como trocar meus travelers cheques em euro, da American Express. Tentei um segundo banco, providencialmente localizado em frente ao primeiro, enquanto a galera ia a uma farmácia. Não trocavam. Finalmente fui ao terceiro banco, ao lado do anterior, da mesma cadeia do que eu tinha obtido sucesso em Burgos. O caixa chamou o gerente que prontamente me mandou assinar os cheques. Em seguida, sentou-se frente ao computador e lá ficou. Lembrei-me que estava com o recibo do banco de Burgos na pochete. Mostrei-lhe. Foi a sorte. Com os dados do recibo, ou por obra de Santiago, o “hombre” conseguiu descobrir como fazer o câmbio e eu pude ir embora, com minhas preciosas pesetas na barriga.

Voltamos ao refúgio para pegar as mochilas e preparamos os sanduíches. O hospiteiro mandou um recado para a Eucy ligar para Ponferrada que tinham notícias sobre os documentos dela. Esse meio de comunicação é bastante usado no Caminho. As pessoas que estão atrás mandam recado para as que seguiram adiante através de peregrinos a pé ou de bicicleta. As que estão na frente deixam recados nos refúgios, nos livros dos peregrinos.

Cheguei bem a Rabanal, já que a distância percorrida era pequena, em comparação com a etapa anterior.

Há 2 refúgios: um particular, fora do centro e outro administrado por ingleses da Confraria de Saint James, “El Gaucelmo”, famoso e bem em frente à igreja onde há canto gregoriano. Eu já tinha ouvido falar muito bem desse refúgio, como sendo o melhor e o mais limpo do Caminho. Fiz questão de ficar nele. Ficamos só brasileiros no quarto: eu, a Iria, a Simone, o Renato, a Eucy (demos o recado a ela) e a Lecy. Uma construção de pedra, com jeitão de ter sido um estábulo, agora perfeitamente limpo, inclusive os lençóis trocados diariamente. Havia

## Diário de Botas

Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta



água quente à vontade para o banho, mas lavar roupas foi do lado de fora, na bacia sobre o tanque. Estendi as roupas no varal, atrás do refúgio e as recolhi ainda molhadas, antes de dormir, para pendurá-las nos cordões de sapatos que amarrei dentro do quarto.



Rabanal é um lugarejo lindo e simpático. Somente uma rua, ladeira acima. Uma gracinha de lugar, com as casas todas de pedra, tudo bem rústico, com um ar medieval.

Eu e o Renato saímos para jantar. Comemos magnificamente no comedor do hotel, em frente ao refúgio.

Assistimos a uma benção aos peregrinos com canto gregoriano e espirração de água benta.

Liguei para casa, mas não consegui falar com a Patrícia – caiu na secretária eletrônica.

Liguei para o escritório do meu pai e falei com ele e com a Cris, minha irmã. O Rodrigo, meu irmão, que também estava na Europa, já voltou da viagem. A Cris me disse que a obra deu um enguiço. Aproveitei que estaria viajando para mandar reformar a cozinha do meu apartamento e minha irmã se encarregou de acompanhar a obra.

Eu tinha certeza que Santiago iria resolver isso pra mim, antes que eu voltasse. Estava redondamente enganada. Quando cheguei, não tinha aonde cozinhar. Santiago só apita na jurisdição dele.

Pela manhã, um farto “desayuno” (café da manhã), com leite, café, Cola Cao (chocolate em pó), pão, margarina e geléia à vontade.

## Diário de Botas

Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta



26/09/2000 de Rabanal del Camino a Molinaseca, 24,7 km, 24º dia, faltam 213,4 km

Consegui ligar para casa e falar com a Patrícia, quando paramos em El Acebo para almoçar. Estamos com enormes e recíprocas saudades. Ela me disse que o problema da obra da cozinha está resolvido e que está bem. Infelizmente era apenas uma ilusão. Quando voltei, quase toda a obra precisou ser refeita.

Após o lauto café da manhã no refúgio dos ingleses, saímos à luz de lanterna, o Renato com todo o seu harém. A Iria estava com um medão danado de andar sozinha no escuro, de modo que fomos todos juntos até a “Cruz de Hierro”.

A menos de 6 km de Rabanal, localiza-se Foncebadón, um “pueblo” semi-abandonado, que parece estar ressuscitando. Na entrada, há uma placa com a história do lugar. Vimos algumas casas recém-reformadas e um casarão em obras, em meio às ruínas. Foi imortalizado por Paulo Coelho, com a lenda de que há um enorme cão negro no local, a própria encarnação do demônio. Não tivemos a sorte de encontrá-lo. Pena.



Seguimos com uma parada na famosa Cruz de Ferro, onde depositamos a nossa pedra no monte já existente, amarramos fitas do Senhor do Bonfim e houve seção de fotos. A pedra da Iria foi levada do Brasil. Os demais, pegamos uma pedrinha qualquer no chão.

Atrás da Cruz de Ferro há uma ermida de São Thiago Apóstolo, ou Santiago Apóstolo.

O tempo fechou. Nuvens negras e ameaçadoras se formaram. Fui com o Renato, apressada, até El Acebo, por uma subida íngreme



seguida de uma descida ainda pior. Eu dizia a Santiago que mandasse as nuvens para longe de nós. Fiquei com pena dos ciclistas, tão inclinada era a rampa de subida.

Cheguei ao “pueblo” com as últimas energias. A maior parte do percurso é pelo asfalto, somente havendo trilha no final, o que contribui grandemente para aumentar o cansaço.

Acompanhar o Renato é dureza!

Desfrutamos de um de nossos melhores almoços em um dos refúgios de El Acebo que é uma gracinha de lugar. Comemos uma espécie de sopa de lentilhas – deliciosa, trutas e “tarta Santiago” de sobremesa. Tudo por 1200 pesetas por pessoa, incluindo pão, água e vinho.

Depois do almoço, pedi que o Renato fosse seguindo na frente, pois eu queria ir devagar e aproveitar para usar calmamente o banheiro antes de sair.

Eucy e Lecy e os velhinhos alemães almoçaram ao mesmo tempo que nós, embora cada dupla em uma mesa, à medida em que chegavam. Quando parti, deixei a Iria e a Simone fazendo um lanche no bar.

O tempo continuava ameaçando chuva. Vesti a capa na mochila, troquei a calça verde de tadelat pela do anoraque e segui carregando o casaco do anoraque na mão, assim que caíram as primeiras gotículas.

Logo adiante, comecei a suar em bicas, de forma que parei novamente e tirei a calça. Guardei-a na mochila, junto com o casaco do anoraque, já que a ameaça não se concretizara. Segui de short e camiseta, minha roupa predileta para caminhadas.

Quase todo o percurso foi por uma trilha cheia de pedras e árvores, o que me possibilitou andar mais depressa, chegando a tempo de conseguir vaga no refúgio de Molinaseca. Fui ultrapassando todos os brasileiros e alguns estrangeiros: primeiro a dupla Lecy e Eucy, que me aguardavam escondidas atrás das árvores de um pequeno bosque para brincar comigo tentando me assustar. Rimos juntas e eu fui embora, depois de já ter ultrapassado um casal de gringos. Adiante passei pelos dois casais gaúchos, que me saldaram queixando-se da trilha, ao que eu respondi: “Pois eu estou adorando!” Era verdade, eu quase saltitava. O almoço de El Acebo me fizera bem.

Por causa do mau tempo, o Renato, a Iria, a Simone e a Lecy acabaram ficando em Molinaseca também, embora estivessem anteriormente propensos a pernoitar em Ponferrada. Só eu queria ficar lá, para não fazer uma etapa longa demais. Tudo leva a crer que Santiago estava a meu favor e queria manter-nos juntos.

Eucy seguiu adiante, tentando correr atrás dos documentos e dormiu em Ponferrada.

Molinaseca é bem bonitinha, cheia de simpáticos bares e restaurantes. O refúgio é fora do centro, mais de 01 km depois da saída do



“pueblo”. Se o tempo estivesse bom, até daria para ir até lá, mas achamos que não valia a pena arriscar-nos a pegar chuva.

O albergue é razoável. Banho quente. Na varanda, há uma cantina, com várias opções de comestíveis. Pode-se escolher entre pizza, pizza ou pizza. Para beber, há vinho e água. Jantamos pizza e vinho.

Muitos peregrinos tiveram que dormir na varanda, em barracas armadas com esse propósito, na qual colocam colchonetes sobre estrados.

No final das contas, não choveu.

28/09/2000 de Molinaseca a Villafranca del Bierzo e de Villafranca del Bierzo a O Cebreiro, 29,5 e 30 km, 25<sup>o</sup> e 26<sup>o</sup> dias, faltam 153 km

Finalmente choveu. E bastante. O suficiente para me fazer pegar um ônibus entre Villafranca del Bierzo e O Cebreiro. Começou de madrugada uma chuva desalentadora. Fazia frio, um frio europeu, gelado.

Pela manhã, ameaçou parar. Parecia clarear. Saí toda paramentada, com short, 2 calças compridas (a verde de tãctel, com a do anoraque por cima), uma blusa de manga curta, outra de manga comprida, o casaco de tãctel e o do anoraque. E luvas.

A Simone, que, na véspera, começou a queixar-se de uma terrível dor no tendão de Aquiles, me acompanhava. Renato saíra de madrugada com a Iria.

Nem bem andáramos 500 m, o pé da Simone começou a doer demais. Chovia torrencialmente. Sentia minhas botas encharcadas e meus pés gelados. A perspectiva de *nadar naquela piscina gelada* os próximos 30 km me pareceu penosa demais para a minha viagem de férias, principalmente estando sozinha, pois a Simone desistira da caminhada.

Descobrimos que o ônibus da manhã partira há meia hora e o da tarde só sairia às 4 h 30 min. Não havia um único táxi no ponto.

Às 9 h 30 min, estávamos sentadas na porta de uma cafeteria, em frente ao ponto de táxi, tentando conseguir uma carona. A Simone mancava em direção a qualquer motorista que parasse se ia em direção ao Cebreiro. Os que lhe davam atenção estavam indo para Ponferrada, ou seja, na direção oposta.

Esperávamos que a Oficina de Turismo abrisse às 10 h. Era desanimadora a perspectiva de passar o dia sentada esperando o ônibus das 16 h 30 min. Pior ainda era imaginar-me andando embaixo d'água. Eu realmente me sentia vestindo um escafandro, com tanta roupa em cima de mim.

Uma espanhola, que fazia “coche de apoio” para o marido e que oferecera uma carona para o irmão do “massagista” (ele nos deu o



toque), recusou levar-nos, dizendo que já estava dando carona para um e que tinha o carro cheio de bagagem.

O “massagista” era um gringo muito simpático, que vivia se oferecendo para fazer massagem em quem precisasse. Fui contemplada com uma massagem nos pés, em Molinaseca. Passamos a referir-nos a ele como o “massagista” e ao irmão mais novo como o “brother”. Não faço idéia nem da nacionalidade, nem dos nomes deles. Ambos eram umas simpatias. Voltamos a encontrá-los em Santiago, em frente à Catedral.

Nessa ocasião que o “brother” pegou carona com a espanhola, tinha os pés em precárias condições, piores ainda que os da Simone.

A Simone começava a desanimar. Disse-lhe eu: “Fique tranqüila que Santiago há de dar uma solução”.

Ato contínuo, estacionou um carro com dois apressados ocupantes, que partiram antes que a Simone tivesse tempo de abordá-los. Poucos segundos depois, retornou somente com o motorista, que saltou do carro e já retornava a ele, quando foi interceptado pela Simone. Era o dono de um ônibus, fretado por um grupo de ciclistas que iria sair em poucos instantes para Portomarin, ou seja, passaria pelo Cebreiro. Disse-nos que, se os ciclistas não se opusessem, poderíamos seguir com eles, já que havia vagas à vontade no veículo. Levou-o de carro até o hotel, onde pegamos o tal ônibus, com a certeza de que pararia obrigatoriamente no Cebreiro, pois os ciclistas precisavam carimbar lá suas credenciais. A Simone achou o preço meio salgado e queria negociar. Era, de fato, salgadíssimo, 2500 pesetas, mas fiquei com medo de perdermos a condução de modo que puxei a grana e paguei rapidamente, não lhe deixando outra alternativa.

Viajamos confortavelmente e secas. Os ciclistas eram um grupo de ingleses, homens e mulheres, a maioria com mais de 50 anos. Uma mulher se justificou, dizendo que era covarde e que não queria enfrentar a chuva na bicicleta. Eu concordei, dizendo que era aquele o meu caso também.

Saltamos do ônibus, em meio a uma neblina densa e gelada, que mal se via um metro à frente. O motorista ficou surpreso com nossa despedida e declaração de que ficaríamos ali. Ainda tentou insistir que continuássemos até Portomarín, sem êxito.

Instalamo-nos em um bar, bem confortavelmente sentadas e aquecidas, para esperar as duas horas que faltavam para que o albergue abrisse. Tomamos leite com Cola Cao, comemos “tortilla” (omelete de batatas) fria e, por fim, vinho, caldo galego (sopa de batatas, couve e repolho) e pão.

A dona do estabelecimento cozinhava atrás do balcão, servia os fregueses, lavava a louça etc. fazia tudo sozinha, com bom humor e eficiência. Aproveitei para colocar o diário em dia. Simone fez o mesmo.



Armadas de uma cara-de-pau ímpar, apresentamo-nos no albergue. A hospitaleira perguntou-nos se estávamos cansadas, ao que respondi: “E molhadas”. Estávamos úmidas o suficiente para não dar bandeira.

Instalamos-nos em um exíguo quarto com 4 beliches, no qual guardamos 2 camas para a Iria e para o Renato. Como fosse o albergue enorme e a hospitaleira pouco a fim de controlar qualquer coisa que fosse, inclusive se ausentando grande parte do tempo, foi-nos possível manter as reservas.

Na Galícia, os albergues são instalados e mantidos pela Xunta de Galícia e as hospitaleiras recebem salário. O atendimento não se compara ao dos hospitaleiros voluntários, nem de longe.

Simone dormiu um pouco depois do banho – quente. Acordei-a para ver a cidade, já que estava aparecendo um raio de sol. Fomos à igreja, ao museu e compramos uma garrafa de vinho e víveres para o “desayuno”.

Essa igreja do Cebreiro é famosa devido a um milagre que lá ocorreu:

Em uma noite fria e de tempestade, um lavrador deixou em casa sua família e subiu a íngreme montanha para assistir à missa, a despeito da intempérie. Era o único fiel na igreja. O padre, pouco cômico de seu ofício, celebrava a missa de má vontade, desdenhando do esforço do pobre homem, quando deu-se o milagre: a hóstia transformou-se em carne e o vinho em sangue.

Conta a lenda que a Rainha Isabel, a católica, quando de sua visita ao Cebreiro, temendo que o cálice do milagre desaparecesse, mandou levá-lo a lugar seguro, entretanto os cavalos, mal andaram alguns metros, recusaram-se a seguir adiante, o que foi interpretado como uma vontade divina para que o cálice permanecesse no Cebreiro. Imediatamente foi levado de volta e lá se encontra até hoje.

Entramos na igreja para ver o cálice do milagre, exposto em uma vitrine ao fundo, à direita do altar principal. Tocava uma melodia agradável, que dava vontade de ficar ouvindo horas a fio.

O museu é uma casa celta, com mobiliário etc. Bastante interessante.

O Cebreiro é uma autêntica aldeia celta, no alto da montanha. Todas as construções são de pedra, com telhado de sapê. Algumas casas são redondas, com o telhado quase tocando o chão. Tudo é lindo, a começar pela vista.

O raio de sol durou um nadinha. Voltamos ao albergue com vento e frio.

O Renato e a Iria chegaram enregelados, embaixo de chuva forte. Ficaram bem contentes com o vinho que providenciamos para esperá-los. A Iria estava semimorta de cansaço, por ter subido morro acima acompanhando o ritmo acelerado do Renato.

À noite jantamos em um restaurante, eu, o Renato e a Iria. A Simone ficou descansando. Estava um frio mortal do lado de fora. Felizmente

## Diário de Botas

Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta



todos os interiores são aquecidos. No albergue, havia calefação em todos os quartos e nos corredores. Até conseguimos secar as roupas.



Na véspera, saímos tarde de Molinaseca, chegando a Ponferrada às 10 h, eu, a Iria e a Simone, bem na hora em que abria a visita ao Castelo dos Templários. Eu só pensava no Renato que foi cedo e não estava ali conosco para conhecer o Castelo que ele gosta tanto. Passeamos pelas muralhas e vimos a cidade de cima. Fiquei contente de ver que está sendo restaurado.

Quando acordamos, o Renato havia sumido, deixando nosso rango todo para mim, em um saco plástico no chão, ao lado das minhas botas. Saíra de madrugada.

Fizemos um lanche em um bar em frente ao castelo e seguimos caminho.

Na saída de Cacabelos havia uma feira de cavalos. O albergue parecia bom, mas decidimos seguir até Villafranca del Bierzo para nos juntar ao Renato. Eu estava muito bem. Meus pés têm dóido cada dia menos, com as milagrosas palmilhas de Burgos. A Simone, em compensação, se arrastava, parando de tempos em tempos para remendar os pés, cheios de bolhas e uma provável tendinite no tendão de Aquiles. Acabou tomando um antiinflamatório e melhorou um pouco. A mochila dela estava pesada demais e as botas, justas nos pés, não tinham sido amaciadas.

Pelos campos, vemos trabalhadores colhendo uvas. Estão maduras e doces. Uvas da última semana de setembro são as melhores para fazer vinho. A Iria e a Simone comeram-nas de montão. Eu fiquei com medo de ter mais alergia por causa do veneno que aplicam nelas. A Simone apresentou um exantema nos tornozelos, no final do dia.

O Renato nos esperava na porta do albergue municipal de Villafranca del Bierzo para um tour pela cidade. Larguei a mochila, marcando o beliche superior com meu saco de dormir, troquei de blusa para disfarçar o gambá morto, troquei o short pela calça comprida, peguei o casaco e corri para visitar os pontos turísticos do “pueblo”: igrejas e um castelo enorme, atualmente uma propriedade particular. A Iria nos acompanhou, enquanto a Simone ficou no refúgio para tentar melhorar a situação dos pés.

O Renato havia escolhido um restaurante típico para jantarmos. Às 8 h da noite, tudo fechado, uma fome animal, entramos no local, para descobrir que só começavam a servir “cenas” depois das 9 h. Precisávamos voltar para o refúgio a tempo de tomar banho e lavar as



roupas, além de preparar o rango para levar no dia seguinte. As provisões estavam no saquinho que o Renato carregava, recém-adquiridas em um supermercado local.

Duas meninas que passavam nos indicaram outro lugar.

Banho frio, banho francês. Deitei exausta, com os pés latejando. Dormi mal, ao som de roncões e badaladas dos sinos de alguma igreja. Esses padres nunca dormem?!

#### 29/09/2000 de O Cebreiro a Triacastela, 20 km, 27º dia, faltam 132,4 km

Percorri bem rapidinho os 20 km que separam O Cebreiro e Triacastela. Consegui acompanhar o Renato com facilidade (o dia anterior de descanso me fizera um bem apreciável). Fomos dos primeiros peregrinos a chegar ao refúgio, que é um dos da “Xunta da Galícia”, bem instalado, porém mal cuidado. Os quartos têm 2 beliches cada um, com 4 armários. Bem confortável e espaçoso. Há lavanderia, mas a lavadora está enguiçada. Lavamos a roupa à mão e secamos na secadora, pela primeira vez.

Como na véspera, não havíamos lavado roupa, era imprescindível que o fizéssemos, ou não teríamos roupas limpas para vestir no dia seguinte. Apesar da baixa temperatura, tive que ficar de short até a calça comprida secar.

Fazia um frio de rachar. Fomos o tempo todo vestidos com o anoraque e uma chuva fina intermitente. O Cebreiro era, provavelmente, o lugar mais bonito que víamos até então e, sem dúvida, o mais gelado.

O nome Triacastela se dá porque havia 3 castelos no lugar. Atualmente, não há um sequer e também nada de interessante para se ver.

No quadro de avisos, um convite para assistir a uma palestra, na Igreja, sobre o Caminho de Santiago. Caímos feito patinhos nessa armadilha para obrigar-nos a assistir à missa. A palestra não durou 10 minutos e, sem que tivéssemos oportunidade de bater em retirada, começou a missa. Felizmente era um padre compreensivo, que dispensou-nos de ficar em pé. De qualquer forma, sempre fico sentada.

Fizemos umas comprinhas básicas no supermercado. A Iria e a Simone voltaram para o refúgio. Eu e o Renato fomos jantar. Tomei caldo galego no primeiro prato, comi truta no segundo e “tarta Santiago” como “postre”. Tomamos vinho.

Mesmo comendo truta ou outros frutos do mar, sempre tomávamos vinho tinto, com exceção do dia em que jantamos com a Ann, em León, que ela sugeriu vinho rosé. O Renato tomou a minha parte.



30/09/2000 de Triacastela a Barbadelo, 22,9 km, 28º dia, faltam 109,5 km

Corri os primeiros 14 km acompanhando o Renato, até Calvor. Estava semimorta de fome e de cansaço, embaixo de uma chuva fina e intermitente, ora mais forte, ora mais fraca, sem um único local abrigado para descansar e comer. Esperávamos encontrar o refúgio de Calvor aberto. Fiquei um tanto desesperada quando o vimos fechado. Eu precisava ir ao banheiro, comer e descansar.

Seguimos adiante, iludidos com a propaganda de um restaurante a 300 m, cuja placa, mal colocada, apontava para lugar um incerto. Não o encontrando, finalmente paramos exaustos no pórtico de uma capela. Traçamos avidamente nossos “bocadillos” (sanduíches) de queijo roquefort, algumas madalenas (bolinhos) e eu fui ao banheiro atrás da igreja (no mato!). Apenas chuviscava.

Ainda com os pés doendo, seguimos até Sarria, 4 km e pouco depois de Calvor. Nesse trecho, eu já tive dificuldade para acompanhar o Renato. Sentia-me mal. Tropecei na entrada da cidade, batendo com o pé direito fortemente no chão, na tentativa de me equilibrar, o que fez com que ficasse doendo a ponto de eu quase não conseguir mantê-lo apoiado no chão.

Eu queria sentar para descansar umas 2 horas. Queríamos comer polvo, mas não encontramos um local adequado – uma “pulperia” – e acabamos almoçando “menu del dia” outra vez.

Escolhi uma espécie de sopa de lentilhas como 1º prato, merluza no 2º e “tarta Santiago” de sobremesa. Disfarçadamente, embrulhei grande parte do meu pedaço de torta no guardanapo de papel e guardei na mochila para comer depois. Coisa de peregrino.

Saí de Sarria quase me arrastando. Disse ao Renato que fosse andando na frente. Parei e tirei o casaco e a calça comprida. Recoloquei o anoraque. Parei de novo e tirei o anoraque. Havia parado de chover e eu suava em bicas dentro da roupa impermeável. Cheguei a Barbadelo de short e camiseta. O céu permanecia bastante nublado.

Mais um dos albergues da Xunta de Galícia. A hospitaleira não estava. Cada peregrino que chegava se auto registrava e carimbava a própria credencial. O alemão aproveitou, entrou com a Sissi e escondeu-a dentro do saco de dormir, sobre a cama. Era uma cadelinha silenciosa e obediente, que ficou quietinha, como cúmplice que era daquele delito. Ficamos achando que ele não deveria tê-la colocado na cama, mas ninguém teve coragem de denunciar, quando a hospitaleira chegou. Não foi preciso, pois ela acabou entrando no quarto e tomando o maior susto ao ver a Sissi. Mandou-os saírem. O alemão e a Sissi dormiram em um local abrigado, geralmente usado para se estender roupa, em frente ao refúgio.

A hospitaleira avisou que seria inútil pendurar as roupas do lado de fora, pois não secariam. Após o banho (quente), lavei as roupas e



estendi nos varais improvisados entre as camas com os cordões de sapatos. As roupas lavadas no dia anterior ainda estavam úmidas e foram penduradas também. O Renato usava metade do meu varal. Estendi algumas roupas sobre as madeiras de suporte do teto, tendo acesso a elas ficando em pé na beliche superior. Outros peregrinos fizeram o mesmo, de modo que o quarto, já normalmente atulhado com as beliches, ficou intransitável por causa das roupas penduradas em todas as direções. Era difícil prever se haveria roupas secas para vestir no dia seguinte. Todas as minhas roupas limpas estavam no varal.

Jantamos todos no único local possível de Barbadelo, localizado a uns 200 m do refúgio: uma residência que serve refeições. A comida estava bastante boa, assim como o atendimento da simpática proprietária.

Tomamos tanto vinho que voltamos para o albergue todos abraçados, trocando as pernas, no escuro. Eu ria e brincava, dizendo que estava vendo as luzes da Baía de Guanabara e se íamos ter que pegar a barca. Felizmente, a Iria possuía uma lanterna de bolso e chegamos sãos e salvos às nossas caminhas quentinhas e dormimos como anjos aconchegados nos nossos sacos de dormir.

Pela manhã, o “desayuno” no mesmo, único, local, dessa vez, servido pelo pai da proprietária, que era atolado e não conseguiu dar conta de tantos peregrinos. Saímos insatisfeitos.

01/10/2000 [de Barbadelo a Hospital de La Cruz, 28,9 km, 29º dia, faltam 80,6 km](#)

Vejo o mundo através da abertura do capuz do anoraque.

Ontem à noite, ao visitar a igreja de Barbadelo, fomos informados de que na Galícia chove o tempo todo, com exceção de 2 meses de verão: julho e agosto. Informação desoladora.

Foi a segunda igreja que vimos localizada no meio de um “cementerio” (cemitério). A primeira foi em Triacastela. Parece que isso deve ser normal por aqui.

A paisagem é linda, talvez ainda melhor que a da Navarra, mas esse excesso de umidade me incomoda. Saio toda agasalhada e logo começo a suar. Preciso parar várias vezes para tirar a blusa de manga comprida, depois a calça do anoraque e, por fim, a calça de tãctel. Fico de short, sentindo a chuva nas pernas. A opção é difícil. A chuva é fina e persistente, pouco mais que uma garoa.

Saí do refúgio e caminhei um tempo com o Renato. Fotografei-o no marco dos 100 km, próximo a Ferreiros. Depois, fiquei para trás, com minha lentidão habitual.



Para se obter a Compostela é necessário andar, pelo menos, 100 km a pé ou 200 km de bicicleta. Compostela ou Compostelana é um diploma, concedido pela Catedral de Santiago de Compostela, com o nome do peregrino em latim.

Os marcos da estrada nos diziam a distância que estávamos de Santiago. A cada quilômetro, uma batida mais forte no coração.

Tinha planos de fazer uma parada estratégica em Portomarín. O acesso à cidade é por uma altíssima e interminável ponte, que me deixou aterrorizada. Atravessei-a olhando reto em frente, sem coragem de olhar para baixo, e com a impressão de que aquele suplício não terminaria jamais. Morro de medo de altura. Pensava na dinamarquesa, que começou o Caminho em Roncesvalles para não ter que atravessar os Pirineus por causa do medo de altura. Imaginei-a pedindo carona aos “coches” para poder atravessar a ponte.

Do outro lado do rio, 3 opções: à direita, em frente por uma escadaria para entrar na cidade ou à esquerda. Olhei no mapa e vi que o caminho seguia para a esquerda. Achei que encontraria algum bar logo adiante. Não entrei na cidade, segundo pela esquerda.

Logo atrás de mim, surgiram, saindo de Portomarín, o massagista e o brother. Fui na frente deles, perdendo-os logo de vista, até pouco antes da entrada de Gonzar, onde há uma área de descanso, com fonte, mesas e bancos de cimento. Exausta, sentei para descansar e comer alguma coisa. Havia parado de chover.

Uns 5 minutos depois, me apareceu o Renato, alertado da minha posição pelos gringos. Parecia algo aborrecido com o fato de eu estar à frente dele. Parara em Portomarín para comer. Eu também teria parado, não fosse o tal cidade fora do trajeto mais curto. A essa altura, eu me recusava a andar 100 m, que fossem, a mais.

Acabei de engolir umas madalenas e acompanhei-o até Gonzar. Paramos na porta de um bar fechado – era domingo e aos domingos fica tudo fechado – onde havia outros peregrinos comendo, sentados em cadeiras de plástico e bancos de madeira. Dividi meu sanduba com ele. Comi a minha parte, junto com um iogurte e água.

O albergue ficava ao lado. Entrei para ir ao banheiro e escovar os dentes. O Renato se enfureceu com a minha demora (real) e sumiu na estrada. Alguns minutos depois, segui calmamente até, Hospital de la Cruz, apenas 3,6 km adiante.

O albergue localiza-se na saída do minúsculo “pueblo”, em um rabicho do Caminho. Tudo mal sinalizado: o guia e as flechas amarelas. Encontrei-o por sua semelhança com todos os refúgios da Xunta. A Simone, por um triz, não passou direto.

Quase toda a minha roupa está molhada – de chuva, de suor ou de ter sido lavada. Nada seca. Todos cheiram mal. Nossa sorte é que não sentimos mais. Muitos peregrinos nem trocam a camisa e as meias



diariamente. Short e calça comprida, nem pensar! O casaco nunca é lavado. Há um chulé universal.

Jantamos, eu, o Renato e a Simone, em um restaurante que se denominava “pulperia” (restaurante especializado em polvo), mas não foi ainda dessa feita que conseguimos comer polvo. Comemos o famoso “menu do dia”, nas seguintes variedades: caldo galego, chuleta e iogurte. Na verdade, a Simone não jantou, apenas nos fez companhia.

A Iria ficou em Gonzar, o que nos deixou desolados por perder sua agradável companhia. Ficamos pensando se voltaríamos a encontrá-la algum dia. Queríamos que fosse conosco a Portugal, plano para depois que terminássemos o Caminho.

Os albergues da Galícia, mantidos pela Xunta da Galícia, são bastante semelhantes uns aos outros. Mal cuidados, embora bem instalados. Neste, de Hospital de La Cruz, como no anterior, de Barbadelo, há máquina de lavar roupas, mas não secadora, nem local apropriado para pendurá-las. Mais uma vez, amarrei um varal no quarto, entre as beliches, utilizando cordões de sapatos e pendurei algumas roupas também na viga do teto. Banho quente é só para os primeiros peregrinos que chegam. O sistema de boiler nunca dá conta dos retardatários, que são obrigados a encarar a água gelada.

A hospitaleira não estava no refúgio, quando cheguei. Eu mesma carimbei minha credencial e surpreendi-me ao ver escrito: “Ventas de Naron” em vez de “Hospital de La Cruz”. Fiquei pensando se estava no lugar certo. Olhei o mapa e percebi que o refúgio ficava entre os dois puebls, embora muito mais próximo de Hospital do que de Ventas. Como não houvesse outro albergue sinalizado no guia, concluí que deveria ficar por ali mesmo. Ou seja, o refúgio de Ventas de Naron fica em Hospital de La Cruz.

02/10/2000 de Hospital de La Cruz a Melide, 28,1 km, 30º dia, faltam 52,5 km

Um rapaz, em uma cadeira de rodas, prepara-se para fazer o Caminho, no próximo ano. Encontrei-o quando parei para descansar um pouco, no refúgio de Casanova e novamente na entrada de Melide. Mostrou-me o trajeto mais curto para o albergue. Pensei que Santiago o tinha enviado para me guiar.

**A endorfina aguça a imaginação dos peregrinos.**

A hospitaleira de Hospital de La Cruz, onde passamos a noite, nos expulsara pela manhã, grosseiramente, mesmo vendo que estávamos terminando de comer e já prontos para sair, com nossas mochilas ao lado da porta. A de Melide não estava, quando cheguei, assim como a de Hospital de La Cruz e a de Barbadelo. Parece que é uma prática entre as hospitaleiras que recebem salário para manter (muito mal cuidados) os albergues da Xunta.



O tanque de lavar roupas estava tão sujo, que não tive coragem de usá-lo. Preferi a pia do banheiro, que estava um pouco melhor.

Embora haja um boiler, só há um registro, desses de tempo, para cada ducha e a água sai fria. Em 2 dos 3 boxes, não há porta. O Renato disse que é para os exibicionistas. O último, onde tomei banho, tem também vaso e pia, além de porta. Tentei acionar a ducha meio de lado, mas era tão forte que fiquei inteiramente molhada e gelada e com raiva do Renato por não ter me avisado. Acabei rapidamente com o banho que, apesar de frio, foi quase completo, já que eu estava molhada mesmo.

Meus pés doeram bastante, para vencer os 28,1 km entre Hospital de La Cruz e Melide. O bom é que só faltavam 2 dias para chegar a Santiago.

Quando saímos para jantar, o Renato me contou que estava com torcicolo, por causa de um mau jeito que dera, ao se deitar na parte de baixo da beliche. Essa era uma das razões pelas quais eu preferia dormir na de cima: dava para sentar na posição ereta. Na de baixo, era preciso ficar curvada, para não bater com a cabeça. Dei-lhe 2 comprimidos de Tandrilax, santo remédio, antes de dormir. Acordou curado.

Em um bar, que parei pelo caminho, fiquei sabendo que há ótimas “pulperias” em Melide. Finalmente conseguimos comer o tão esperado e maravilhoso polvo. A maioria dos peregrinos que conhecíamos estavam lá.

Um americano, que andava na companhia da mãe, de um guatemalteco e de um padre colombiano, juntou pizza, que ele se encarregou de levar para comer na pulperia.

À nossa mesa sentaram-se: eu, o Renato, a Simone, a Eucy e a Lecy. Na mesa da frente, estavam os dois velhinhos alemães e na de trás, o americano da pizza, com o padre e o guatemalteco.

O molusco, cortado em rodela, é preparado no azeite e servido em uma bandeja redonda de madeira, para se comer com palito. Acompanha pão. O vinho é servido em uns potes de cerâmica, tipo comida japonesa, muito incômodos. As tradicionais taças são melhores.

Embora soubéssemos que frutos do mar devem ser acompanhados por vinho branco, pedimos tinto. Eucy, Lecy e Simone foram mais fiéis à etiqueta e tomaram-no branco.

Devoramos ávida e rapidamente todo o animal para, intercalado por pedaços de pão molhado no azeite do fundo da bandeja. Não deixamos sobrar polvo sobre polvo e nem uma só migalha. Bando de peregrinos esfaimados!

Eu havia encontrado o padre e o guatemalteco quando parei em Casanova para descansar. Eles fizeram o mesmo. Ficamos uns 15



minutos de papo no refúgio, junto com a hospitaleira que, diferentemente de suas colegas, era simpática e atenciosa. Foi ela que nos contou sobre o sistema de pagamento de salário às hospitaleiras pela Xunta de Galícia.

Saí junto com a dupla e caminhei uns 5 metros à frente deles, por um bom tempo. Dessa forma, era inevitável ouvir o que conversavam. Assim, fiquei sabendo a respeito do ofício do colombiano.

**Dias depois, ficamos todos emocionados ao vê-lo ajudando a celebrar a missa do peregrino, na Catedral de Santiago.**

Em Palas de Rei, consegui falar pelo telefone com a Patrícia. Ela está bem, com saudades, mas me contou, chorosa, que a Maricota, nossa gata mais velha, morrera.

Entre Hospital de La Cruz e Eirexe vi, pela primeira vez, um cemitério com as sepulturas na beira da estrada. Sem muro, cerca, coisa alguma. As gavetas das treliches mortuárias bem viradas para a trilha. Coisa mais estranha. Pensei que não devem ter problemas de violação de túmulos naquela região.

#### 03/09/2000 de Melide a Santa Irene, 30,4 km, 31<sup>o</sup> dia, faltam 20,1 km

Essa foi uma das piores jornadas, senão a pior. Mais de 30 km! Os dois dias anteriores foram de 28 km cada um. Já saí do refúgio de Melide, pela manhã, com os pés doendo. Estava frio, bastante frio, apesar do sol, para meus hábitos cariocas. Só esquentou lá pelas 2 h da tarde.

Desde o dia anterior, parara de chover, mas o sol é sem força e sempre há algumas nuvens no céu. Não se compara com o clima escaldante dos primeiros dias azuis.

Comecei a caminhar devagar, com preguiça. Uma dor forte, principalmente no pé direito, me incomodava. Aos poucos, foi tornando-se perfeitamente suportável. Doía menos, bem menos, quando o piso não era de asfalto. Quanto mais irregular a trilha, melhor.

Cheguei a Arzúa com um ritmo legal, mas com o passar do tempo e dos quilômetros, o cansaço trouxe de volta o sofrimento. Cheguei ao refúgio junto com a Simone e não sei dizer quem estava pior. Infelizmente ainda não vendem pés sobressalentes no Caminho.

Um pouco antes de Arzúa encontrei a Lecy e a Eucy lanchando na beira da estrada. Juntei-me a elas, embora não estivesse com fome, pois não havia muito tempo que eu parara em um bar e tomara um Cola Cao e comera uma “tarta Santiago”. Tomei um iogurte assim mesmo. Segui com elas até Arzúa, onde nos separamos quando entrei em um mercadinho para comprar sabonete e lenço de papel.

Mais tarde, voltei a encontrá-las, lanchando sobre uma pedra, quando passávamos por um bosque. Perguntei pela Simone, mas não a tinham



visto. Minutos depois, vimos uma peregrina surgir na trilha. Surpresa agradável: era a Simone que, daí em diante, foi comigo até Santa Helena.

Ainda há inúmeras áreas onde a caça é permitida na Espanha. De vez em quando, passava por uma placa avisando sobre locais permanentes para treinamento de “perros de caza” e outras nas quais se lê: “coto privado de caza” (áreas em que a o caçador para a um particular para uma licença por alguns dias e depois paga um valor por cada animal morto). Vi uma codorna cruzando o caminho, em uma trilha que corta um perfumado eucaliptal – há muitos eucaliptos nessa região. Fique pensando na sorte que poderia vir a ter o gracioso animal e me perguntando por que alguém teria prazer em caçar?

O Renato, a Lecy, a Eucy, o padre, o guatemalteco, o americano da pizza, os dois velhinhos alemães e muitos outros peregrinos saíram à noite para jantar, no alto de Santa Helena, um quilômetro e pouco antes do albergue. Sem condições de dar um único passo a mais, eu e a Simone ficamos desmaiadas em nossas deliciosas beliches. Dormi pesadamente, sonhando com a última etapa que o amanhecer nos reservava. Nem vi quando o pessoal voltou.

05/10/2000 [de Santa Helena a Santiago de Compostela, 22,2 km, 32º dia, a chegada](#)

É pedra, é pedra, é o fim do Caminho...

Chegamos a Santiago na véspera, à tarde, eu, o Renato e a Simone. Decidimos não ficar no refúgio cinco estrelas do Monte do Gozo, olhando a cidade, nosso objetivo, sem tocá-la. O Renato deixou um recado para a Iria, no livro dos peregrinos do albergue do Monte do Gozo. Era tão bom que até deu vontade de ficar lá.

Corremos pelas ruas de Santiago até encontrar o refúgio, localizado no 3º andar de um seminário, fora do centro histórico. Tivemos que perguntar várias vezes até conseguir alcançá-lo. Pode-se permanecer até 3 dias nesse albergue. Subimos as escadas felizes e sem esforço. De repente, todo o cansaço desaparecera, como se ainda fôssemos começar a viagem.

Eu sentia um gosto doce de vitória na boca. Estava eufórica. A Simone, emocionada e o Renato jurava que não sentia nada de mais.

Um quarto enorme nos aguardava. Cada cama com seu armário ao lado. Uma amplidão só. Janelas em toda a volta. Beliches nunca mais. Nem sabíamos o que fazer com tanto espaço.

Depois do banho, não muito bom, saímos com sacolinhas de roupa à procura de uma lavanderia. Era imperioso lavar e secar as roupas. Nossos casacos estavam sem ver água há um mês, com uso ininterrupto. Não ousou descrever o odor.



Fomos à Catedral, pegamos nossas Compostelas (um diploma com o nome do peregrino em latim, ao qual faz jus quem anda os últimos 100 km a pé ou 200 de bicicleta), fizemos compras (lembranças e presentes), fomos ao correio pegar as coisas que a Simone havia despachado, levamos a roupa para a lavanderia, próxima à praça de Galícia, e fomos jantar. Como estivesse frio e os casacos na máquina



de lavar, eu e o Renato vestimos os casacos iguais de moletom que compráramos para nossas filhas. Saímos pela rua vestidos de par de jarras.

Comemos “tortilla” (omelete de batatas), “revueltos de setas” (cogumelos com ovos mexidos) e “tarta Santiago” de sobremesa. Simone tomou “caldo galego”. Tudo acompanhado de vinho.

Ao buscar a roupa na lavanderia, aproveitei e vesti as calças compridas, pois estava de short e com frio nas pernas. Estavam quentinhas.

Tivemos sorte de pegar bom tempo em Santiago. É voz corrente que sempre chove.

## Diário de Botas

Impressões sobre o Caminho de Santiago – Caminho Francês

Cynthia Guimarães Tostes Malta



Pela manhã, encontramos a Iria a caminho da Catedral. Acabei assistindo à missa, com esperança de ver o espetáculo do "botafumero". Frustrei-me. Em compensação, havia um coro português bem interessante. A Simone comungou.

Comemos polvo e “pimientos” no almoço, além dos obrigatórios pão e vinho.

Minhas botas ficaram em frangalhos, com o forro puído, na altura do calcanhar e desfiadas nas beiradas. O saco de dormir também está rasgando por dentro, no fundo.

Durante a noite, senti dores terríveis nas pernas e nos pés. Tive que levantar e tomar 2 comprimidos de Tandrilax. Mesmo assim, tive dificuldade para dormir. Parecia que meu corpo estava protestando pelo fim do Caminho.

### 07/10/2000 de carro pela Espanha

Finisterre não é o fim do mundo; é um dos lugares mais belos. A vista do alto do cabo Finisterre é paradisíaca. Os antigos tinham razão para pensar que a Terra acabava ali.

Eu, o Renato, a Iria e a Simone alugamos um carro em Santiago e caímos na estrada. De Santiago até Noia não se vê nada além do que já estávamos acostumados: casas de pedra e uma infinidade de “horreos” (casinholas típicas da Galícia, usadas para armazenar milho, que ficam afastadas do solo e têm um ângulo de 90° entre o piso e a base, para que os ratos não consigam subir). Parece que todo espanhol da Galícia tem um. Se não for de verdade, será uma casinha de cachorro em formato de "horreo", os a casa do relógio de luz, a churrasqueira, qualquer coisa. E podem ser vistos nas praças, nos terrenos baldios, no jardim de um prédio moderno, em todo lugar se vê um "horreo".

Em Noia, pegamos uma estradinha que segue pelo litoral entre praias, penhascos e cidadezinhas, tudo lindo, até Finisterre. Ficamos com vontade de fazer o Caminho Português.

Depois de visitarmos o cabo com o farol, onde há um mirante com a mais deslumbrante vista do mar, almoçamos na cidade, em estado de graça. Ficamos decepcionados com a comida, que foi cara e pouca (peregrino come muito).



De saída, paramos em uma praia, quase deserta, para cumprir o último ritual dos antigos peregrinos: queimar as roupas usadas no Caminho. Eu e a Simone contribuímos com um par de meias, o Renato com uma cueca e a Iria queimou uma camiseta. Juntamos umas folhas de jornal e foi o maior fogaréu. Como estivesse ventando, quase me queimei junto. A brincadeira deveria terminar com um banho de mar, entretanto, ninguém se atreveu a mergulhar na água fria. Molhamos as mãos, a título de banho simbólico. Valeu pra lavar a alma. Era um lugar paradisíaco.

Seguimos para Padrón, antiga cidade de Iria Flávia, onde pernoitamos. Visitamos o local onde desembarcaram os apóstolos que levaram para a Espanha os restos mortais de Santiago, em um barco de pedra, carregado por anjos (só podia ser!). passeamos pela cidade e descobrimos porque a lenda do barco de pedra: há um antigo cemitério com sarcófagos muito antigos de – pasmem! – pedra, que parecem barcos.

Pernoitamos em um hostel confortabilíssimo, dirigido por uma senhora de uns 200 anos, depois de jantar em uma pulperia indicada por nossa anfitriã. Comemos... adivinhe: polvo, pão e vinho. Essa foi fácil, né?

Pela manhã, visitamos Pontevedra e Vigo. Em Pontevedra, conseguimos um mapa com instruções para ver os pontos turísticos do “casco vello” (parte antiga da cidade). No Santuário da Aparição, onde Sor Lucia, uma das crianças que viu a virgem de Fátima, morou e viu Jesus Cristo, fomos abordados por uma senhora que nos deu terços, medalhinhas e folhetos para trazermos para o Brasil. Dei quase tudo para a Simone, que era a mais católica do grupo. Só fiquei com o terço e as medalhinhas, as quais pretendo dar de presente para o Felipe, o mais religioso dos meus amigos.

Em Vigo, ficamos rodando pelo porto à procura da oficina de turismo, sem sucesso. Acabamos desistindo e fomos embora para Tui.

#### 08/10/2000 a caminho de Portugal

Em Tui, dormimos em um hotel 3 estrelas. Os hostais são inabitáveis, mas a cidade é uma das mais bonitas e bem conservadas que visitamos. Não conseguimos orientação e nem mapa, pois, por ser sábado, a oficina de informação de turismo estava fechada.

Mesmo sem mapa e sem informações, passeamos à tarde pelo “casco vello”, que é um dos mais interessantes. Há umas placas indicativas, porém sem muitas informações. Fomos à Catedral, onde havia um casamento e passeamos pela margem do rio Minho ao entardecer. Muito lindo!

Pretendíamos pernoitar no Parador, mas a galera não estava a fim de gastar muito e, além disso, o Parador é fora da cidade. O Renato já havia tirado as lentes de contato e nem eu e nem a Iria estávamos a



fim de dirigir à noite um carro desconhecido. A Simone estava sem habilitação.

O Hotel Colón é ótimo. Deixamos as mochilas e saímos para jantar. A Simone, pra variar, preferiu ficar descansando. Comemos em um restaurante chamado Cavalo Furado, cujo logotipo é um cavalo sendo chifrado na barriga por um touro. Coisas da Espanha. Adivinhe o que comemos! Errou, se pensou “polvo, pão e vinho”. Não agüentávamos mais ouvir falar em polvo. Comemos “pimientos rellenos”, “revueltos de setas”, pão e vinho. Como estávamos tentando acabar com as pesetas, não havíamos sacado mais dinheiro, de modo que tivemos que dispensar a sobremesa.

Tomei outro banho de banheira (o primeiro foi no hostel de Padrón, ao voltar da pulperia), melhor que o da véspera, aproveitando para lavar as roupas pela última vez. Torci-as na toalha felpuda, bem diferente da minha quase transparente toalha de fralda da peregrinação. Pela manhã, estava quase tudo seco. O resto da roupa que trouxera úmida, pendurei na cortina do quarto, com alfinetes de fralda. Só as meias permaneceram molhadas. Secá-las é o maior problema. Acabei jogando duas no lixo, no último dia, para não trazer roupa molhada para o Brasil.

Tomamos café da manhã na cafeteria do hotel e seguimos rumo a Portugal, rapidinho, pois tínhamos que estar de volta a Santiago no dia 10 para embarcar de volta para o Brasil.

Visitamos Valença, logo depois de cruzar a fronteira de Portugal. Há uma fortaleza, super bem preservada, com lojinhas. Um delicioso primeiro contato com Portugal.

Rumamos céleres para Guimarães (sobrenome comum a mim e ao Renato), nosso primeiro objetivo em Portugal. Uma gracinha de lugar. Visitamos o castelo e descobrimos que é até uma cidade importante, onde já estiveram vários presidentes do Brasil. Almoçamos magnificamente em um restaurante chiquérrimo. Eu e o Renato comemos coelho. A Iria e a Simone, bacalhau. Tomamos um espumante tinto, que eu nem sabia que existia.

Saímos batidos para pernoitar em Lisboa, onde ficariam a Iria e a Simone, pois o vôo delas partiria de lá. Pegamos um tremendo engarrafamento, de retorno de final de semana. Chegamos a Lisboa tarde da noite, exaustos da longuíssima viagem. Foi meio difícil entrar na cidade. Tivemos que pedir informações diversas vezes, até conseguir chegar a um hotel. Comi uns chocolates que trazia há dias na mochila, tomei banho e caí na cama, após pendurar a roupa úmida, para uma última tentativa de secagem, no banheiro.

#### 09/10/2000 Começando a voltar; último dia em Portugal

Pela manhã, após um lauto café da manhã por conta do hotel, demos um giro pela cidade, em um ônibus de turismo, com dois andares, que



tem a parte superior aberta. Adorei a Torre de Belém, cartão postal de Lisboa. Fiquei impressionada como a foz do rio Tejo é parecida com a entrada da Baía de Guanabara. Não admira que os portugueses a tenham confundido com um rio ao verem-na pela primeira vez.

Compramos umas lembrancinhas. Tiramos fotografias. Confirmamos nossas passagens na Ibéria e almoçamos em uma adega portuguesa. A Iria fez questão de pagar o almoço para todos nós. Comemos bacalhau e tomamos vinho português.

Rápidas despedidas das amigas que tão cedo não voltaremos a ver.

Eu e o Renato voamos para O Porto. Chegamos à noite. Meio perdidos, escolhemos um hotelzinho seguindo placas indicativas que fomos vendo pelas ruas. O rapaz, certamente com boa intenção, colocou-nos num quarto com cama de casal. Descemos e pedimos para trocar. Com a maior cara de desprezo, deu-nos outro com duas camas de solteiro.

Já que seria o último jantar, comemos polvo e lula no espeto. Muito bom. Tomamos vinho português.

#### 10/10/2000 Santiago, o retorno

Pela manhã, fechamos a conta e deixamos as mochilas, agora pesadas com os presentes, ainda que poucos, depositadas no hotel. Fizemos um rapidíssimo tour pela cidade, com um mapa obtido na véspera, do recepcionista do hotel. Descemos em direção à Ribeira, que é a parte antiga da cidade. Em frente à Catedral pegamos um trenzinho para fazer um tour. Só havia eu e o Renato na viagem. Um português, cheio de gel no cabelo, guiou-nos. Foi pena não termos tido tempo para ficar mais uma hora para fazer a degustação nas "caves", mas a neura de pegar o avião já nos dominava.

O mais divertido foi ver “os doutores” (estudantes universitários) vestidos de *morcego negro* passando trote nos calouros. A tal roupa negra é o uniforme dos universitários. Consiste de um terno com uma capa preta, que vai até os pés, por cima. Na tal capa, eles pregam uma porção de coisas coloridas, tipo emblemas, fitas e brasões. Eu ri a mais não poder. Os calouros eram agrupados em lugares públicos e obrigados a cantar e repetir uma porção de bobagens como na brincadeira  *siga o mestre*.

Pegamos nossas mochilas no hotel e zarpamos a todo vapor pra Santiago. Sem engarrafamentos, a viagem foi bem tranqüila. Almoçamos pelo caminho, em um restaurante anexo a um posto de gasolina. Surpreendentemente ótima comida.

Devolvemos o carro na locadora e chegamos aliviados, de taxi, ao aeroporto de Santiago, onde embarcamos para Madrid. Dessa vez, não pude ficar com minha preciosa mochila dentro da cabine do avião. A moça do guichê me disse que com 8 kg não me deixaria ir com ela



de Madrid para o Rio e que ela apenas receberia uma etiquetazinha etc. Convenceu-me. Mandeï plastificá-la e despachei-a apreensiva.

### 11/10/2000 Rio de Janeiro, o fim final

Zanzamos horas pelo aeroporto de Madrid. De repente, descobrimos que nosso embarque era do lado oposto ao em que estávamos. Corremos estressados pelos corredores até encontrar o guichê da Ibéria, que nos informou onde devíamos embarcar. Passamos pela polícia, sem dificuldade, já que só carregávamos as pochetes e um saco plástico com coisas compradas nas próprias lojas do aeroporto.

Nosso vôo atrasou 3 h. O avião estava com um problema. Ai que medão! Mofamos nos desconfortáveis bancos da sala de espera. O Renato chegou a deitar-se, como fizeram inúmeros outros passageiros. Mortos de fome e cansaço, recebemos um parco lanche – praticamente pão e água (um sanduíche quase sem recheio e um copo de refrigerante). Cortesia da Ibéria, com direito a ficar meia hora na fila para pegá-lo.

Eu estava excitada demais para pensar em dormir. Comecei a ler o livro que comprara para a Patrícia: “Hija de la Fortuna” da Isabel Allende.

Finalmente embarcamos para a derradeira e desconfortável viagem. Famintos estávamos, famintos continuamos. A comida era perfeitamente comível, porém escassa. Devoramos avidamente as duas mingoadas refeições que nos serviram e mais uma caixa de chocolates que compráramos na lojinha do aeroporto.

Nosso cansaço igualmente permaneceu, pois é quase impossível dormir nas cadeiras da classe econômica de um avião. O encosto tem duas posições: *vertical* e *mais vertical*. Li, o quanto meus olhos agüentaram, o livro da Isabel Allende, que, tão cedo, não seria entregue à destinatária.

Nem quisemos saber de compras no free-shop. Pegamos nossas sãs e salvas mochilas e saímos para ter, aliviados, a agradável surpresa de encontrar, nos esperando há horas, nossos queridos Oswaldo e Fátima.

Fim